



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais

Liliam Marina de Azevedo Lopes

Coleção *Nosso Século* – abordagem inovadora da História do Brasil do
século XX

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

Departamento de História

Rio de Janeiro
Junho de 2018

Liliam Marina de Azevedo Lopes

Coleção *Nosso Século*
Abordagem inovadora da História do Brasil do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Ciências Sociais da
PUC/RIO, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em História.

Professor-orientador: Mario Angelo Miranda

Rio de Janeiro
Junho de 2018

À memória de meus pais Lúcia e Eurico, meus eternos amores.

Agradecimentos

Ao meu orientador Mário Miranda minha gratidão pelo estímulo, ajuda e presença constante para a realização deste trabalho.

A Elizabeth De Fiore di Cropani e Vladimir Sacchetta pela confiança e disponibilidade para seus depoimentos orais que fundamentaram essa monografia.

Ao Valter Sabino e Cidval Heredia (Kid) do Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc) e Área de Gestão de Conteúdo Editorial (Dedoc) pela colaboração e presteza no levantamento de informações sobre a Coleção *Nosso Século*.

Aos professores do Departamento de História da PUC-Rio que ajudaram a transformar uma paixão em um amor pela História.

Aos funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, Anair, Cláudio, Cleusa e Edna pelo apoio e suporte durante esses anos de convivência.

Aos meus familiares pela ajuda e compreensão diante de minhas ausências.

Resumo

O presente trabalho pretende analisar a coleção *Nosso Século* buscando identificar as singularidades e os elementos inovadores que a tornam tão especial e referência para pesquisas na área de História do Brasil. A relevância da monografia está em apontar as características em termos de conteúdo e forma que a *Nosso Século* utiliza para retratar a História Contemporânea do Brasil. A abordagem teórica utilizada é o diálogo com a História Pública, tendo em vista que a *Nosso Século* é uma contribuição legítima para o conhecimento da História do Brasil do século XX.

Palavras chave

Coleção em fascículos; *Nosso Século*; História do Brasil; Século XX; História Pública

Abstract

The present work intends to analyze the *Nosso Século* collection to identify the singularities and innovative elements that make it so special and reference for research in the area of History of Brazil. The relevance of this monograph is in pointing out the characteristics in terms of content and form that *Nosso Século* uses to portray the Contemporary History of Brazil. The theoretical approach used is the dialogue with Public History, considering that *Nosso Século* is a legitimate contribution to the knowledge of the History of Brazil during the 20th century.

Keywords

Collection in installments; *Nosso Século*; History of Brazil; 20th Century; Public History

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 8 |
| 2. <i>Nosso Século</i> – uma coleção em fascículos | 11 |
| 2.1. Grupo Abril e o Mercado Editorial Brasileiro | 11 |
| 2.2. A Coleção <i>Nosso Século</i> | 19 |
| 3. <i>Nosso Século</i> – a inovação em seu conteúdo | 30 |
| 3.1. Marcas de pioneirismo da <i>Nosso Século</i> | 30 |
| 3.2. Novos Temas | 36 |
| 3.3. O mundo da mulher | 47 |
| 4. <i>Nosso Século</i> – a inovação em sua forma e uso das fontes | 52 |
| 4.1. Fontes | 52 |
| 4.2. Pensando com a História Pública | 62 |
| 5. Conclusão | 66 |
| 6. Referências Bibliográficas | 70 |
| 6.1. Bibliografia | 70 |
| 6.2. Internet | 71 |
| 6.3. Entrevistas | 72 |

Lista de tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Evolução da produção de livros no Brasil | 18 |
| Tabela 2 – Crescimento no consumo de revistas no Brasil | 18 |

Lista de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Anúncio da reimpressão do fascículo nº 1 da <i>Nosso Século</i> | 19 |
| Figura 2 – Anúncio de relançamento da <i>Nosso Século</i> | 20 |
| Figura 3 – Visitas de Sarah Bernhardt | 38 |
| Figura 4 – Luxo e suntuosidade nos palcos | 40 |
| Figura 5 – Maxixe, a dança proibida | 42 |
| Figura 6 – O Fino da Bossa | 44 |
| Figura 7 – O assassinato de Aníbal Teófilo | 46 |
| Figura 8 – Personagens femininas do início do século XX | 48 |
| Figura 9 – Créditos das Ilustrações | 54 |
| Figura 10 – Ligas camponesas: texto e imagens | 55 |
| Figura 11 – Cronologia | 61 |

1. Introdução

O objetivo de minha monografia será analisar a Coleção *Nosso Século*, obra lançada pela Abril Cultural em 27 de maio de 1980, formada por fascículos vendidos em bancas de jornal, que apresentava a História do Brasil do século XX, abrangendo o período de 1900 a 1980. Em minha mocidade, vivenciei colecionar os fascículos da *Nosso Século* e um interesse afetivo e pessoal acabou definindo a escolha da coleção como tema dessa monografia. Ao longo do tempo, considerava a coleção como uma obra que continuava sendo uma fonte para leituras e pesquisas em relação a temas relacionados à História do Brasil, mas não havia um “olhar” quanto a ser um objeto passível de uma análise mais profunda. Porém, a medida que minha graduação foi se consolidando, ela surgia como fonte muito especial para uma pesquisa.

Definida a Coleção *Nosso Século* como tema, esta análise busca identificar as singularidades e os elementos inovadores que ela apresenta e que a tornam tão especial, sendo referência para pesquisas na área de conhecimento de História durante muitos anos. Se, a princípio, a novidade apresentava-se em relação a contar a História Contemporânea do Brasil através do uso de iconografia e som, uma análise mais apurada em relação ao seu conteúdo deixava claro que a marca da inovação na Coleção *Nosso Século* iria muito além disso. A História que ela apresentava tinha uma amplitude maior em relação aos temas abordados que nem sempre se constituíam em objeto central apresentados pela historiografia. Diferente da tendência que encontrávamos na abordagem historiográfica, a *Nosso Século* contava de forma diferente a História do Brasil do período entre 1900 a 1980.

A relevância do trabalho está em identificar não só as características de inovação em termos de conteúdo que a coleção nos traz mas, também, a forma que a *Nosso Século* apresenta a História do Brasil do século XX

utilizando a iconografia, audiografia, cronologias, dados estatísticos e anuários em cada volume da obra.

A abordagem teórica utilizada no trabalho dialoga com a História Pública, perspectiva que tem conquistado espaço na discussão historiográfica que, resumidamente, reconhece que a questão da memória e da consciência histórica são elementos importantes nas reflexões acerca da produção histórica, seja ela produzida dentro ou fora do meio acadêmico e, também, por outras áreas de conhecimento, que não somente a da própria História¹. Em função das características que marcam a Coleção *Nosso Século*, reflexões em relação a ser uma obra precursora da História Pública e, nesse sentido, uma contribuição “legítima” para o conhecimento da História do Brasil são alguns dos aspectos que a monografia busca abordar em seu conteúdo.

Para o desenvolvimento da monografia, foram utilizadas análises que envolveram biografias, leituras teóricas e historiográficas, levantamento de dados quantitativos, pesquisas em fontes como centros de memória e conservação do Grupo Abril, em particular, o DEDOC – Departamento de Documentação, além de entrevistas com profissionais que trabalharam diretamente na elaboração da Coleção *Nosso Século*.

A História Oral foi um importante instrumento para acessar a memória de dois grandes personagens que participaram do projeto, desenvolvimento e lançamento da coleção sobre a História do Brasil do século XX, os quais tive o privilégio de entrevistar. Respeitando os cuidados e princípios norteadores em relação ao uso da História Oral como fonte de informações para pesquisas, entrevistas realizadas em 10 e 11 de abril de 2018, respectivamente, com Elizabeth De Fiore di Cropani - Diretora Editorial da Coleção *Nosso Século* - e com Vladimir Sacchetta - Chefe de Pesquisa da coleção - foram fundamentais para o desenvolvimento da presente monografia. Seus depoimentos e memórias serão apresentadas ao longo de todo o trabalho, mas é importante ressaltar que a possibilidade de entrevistá-los não apenas agregou conhecimentos e informações sobre a coleção, mas

¹ SANTHIAGO, Ricardo. Palavras no tempo e no espaço: A gravação e o texto de História Oral. IN: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p.97.

permitiu uma experiência singular que está relacionada à história do tempo presente, a aproximação do historiador com o seu objeto de estudo e com aqueles que fizeram a sua história. Experiência única e encantadora para alguém que pretende se lançar no ofício de historiador!

A análise da Coleção *Nosso Século* permite discutir se é possível considerar que ela representa um acervo de documentos por conter elementos inéditos sobre a história do nosso país. Além da mudança em relação ao conteúdo, utilizava som e imagens como parte da narrativa para apresentar a História Social, Política, Econômica e Cultural do Brasil e, portanto, inovava também em sua forma de transmitir conhecimentos sobre nossa história. Esse pioneirismo fez com que a Coleção *Nosso Século* represente uma obra muito especial e singular.

A monografia está organizada em três partes. A primeira parte (A *Nosso Século* – uma coleção em fascículos) tem como objetivo apresentar informações sobre o Mercado Editorial entre 1950 e 1980 e um pequeno histórico sobre o surgimento do modelo de negócio da venda de fascículos em bancas de jornal até a publicação da coleção *Nosso Século*.

A segunda parte (*Nosso Século* – A inovação em seu conteúdo) visa analisar as marcas de inovação da *Nosso Século* que foram definidas desde seu projeto inicial e que nortearam toda a pesquisa, elaboração e publicação da obra. Aborda os novos temas que a coleção apresenta em seu conteúdo que determinam sua singularidade e ousadia.

A terceira parte (*Nosso Século* – a inovação em sua forma e uso das fontes) tem como eixo a análise das inovações em relação a forma de apresentação da História do Brasil que traz a iconografia, a audiografia, cronologias e dados estatísticos como elementos novos que reforçavam a concretude que a *Nosso Século* buscava ter como marco de inovação. Considerando a coleção como uma produção de conhecimento histórico de grande riqueza desenvolvida fora do meio acadêmico, a monografia discute a *Nosso Século* inserida no campo da História Pública, tendo em vista a contribuição que ela apresenta sobre a História do Brasil do século XX.

2. *Nosso Século* – uma coleção em fascículos

“Surge enfim uma obra única, que coloca nas mãos de todos os mais vivos documentos da história brasileira.”²

A coleção *Nosso Século* foi lançada pela Abril Cultural em 27 de maio de 1980, em forma de fascículos vendidos em bancas de jornal, cujo objetivo era retratar o Brasil do século XX. Entre 1965 e 1980, centenas de fascículos de diversas coleções foram publicados pela editora com grande sucesso de vendas, sendo este atribuído a basicamente dois fatores: a estratégia de comercialização dos fascículos via bancas de jornais que facilitava a aquisição por parte dos consumidores e o custo reduzido dos fascículos comparado aos preços elevados dos livros no Brasil. Esse capítulo irá apresentar um panorama sobre o mercado editorial brasileiro a partir da década de 1950, período em que o Grupo Abril começa suas atividades no Brasil, e o processo de consolidação de um novo modelo de negócios baseado na venda de coleções em fascículos, em particular, a Coleção *Nosso Século*.

2.1. Grupo Abril e o Mercado Editorial Brasileiro

A Editora Abril Ltda teria iniciado, oficialmente, suas atividades no Brasil em 12 de junho de 1950, por Victor Civita, com a constituição da Editora Abril Ltda e a Sociedade Anônima Impressora Brasileira, ambas sediadas em São Paulo. A data seria marcada pelo lançamento da primeira revista, *O Pato Donald*. Porém, segundo biografia de Roberto Civita³, os fatos teriam ocorrido de forma diferente. Em 16 de dezembro de 1947, teria sido registrada na Junta Comercial do Estado de São Paulo, o contrato social de uma empresa cujos sócios, todos italianos, seriam Enrico Rimini, Marcelo Frisoni, Enrico Frisoni e Piero Kern, amigos e sócios de

² Coleção *Nosso Século*. **Carta do Editor**. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 – A Era dos Bacharéis, 1980, p.V

³ MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita: o dono da Banca** - A vida e as ideias do editor da Veja e da Abril. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2016, p.50.

seu tio Cesar Civita que havia fundado, anos antes, uma empresa editorial na Argentina, a Abril Argentina.

O nome de Cesar Civita não aparecia na sociedade em função de ser estrangeiro e não ter residência no país, porém, este teria sido, verdadeiramente, o fundador da Editora Abril no Brasil. A entrada oficial de Victor Civita ocorre em 1963 em função da demora de seu processo de naturalização no Brasil. Mesmo com esse impedimento, seus investimentos na Editora iniciam-se em meados de 1950.

A informação é confirmada em texto de Eula Cabral que ressalta a questão da proibição de estrangeiros na constituição de empresas na área jornalística, algo ignorado pela Junta Comercial do Estado de São Paulo em relação à Editora Abril Ltda. Em suas palavras: “(...) não se deve ignorar nesta história que os fundadores da Editora Abril eram estrangeiros. Algo proibido na Constituição de 1946, Art. 160, que não permitia a propriedade de empresas jornalísticas a estrangeiros.”⁴

Segundo a biografia de Roberto Civita, da mesma forma que a data de início das atividades da Editora Abril seria, de fato, 1947, a primeira revista publicada não teria sido a história em quadrinhos *O Pato Donald*, mas o *Raio Vermelho*. As razões para uma reescrita da história do Grupo Abril, não considerando essa revista como sendo a de número 1 lançada no país, estariam relacionadas a um lançamento malsucedido dessa primeira publicação. Victor Civita não gostaria de deixar esse episódio registrado na história da empresa, então, *O Pato Donald* acabou como a primeira história em quadrinhos publicada pela Editora Abril no Brasil.⁵

Laurence Hallewell⁶ nos apresenta um panorama do mercado editorial brasileiro na década de 1950, momento em que surge a Editora Abril. Conforme o autor, o crescimento da indústria editorial no país durante a Segunda Guerra Mundial ocorrera em função de um aumento da leitura durante a guerra. Porém, essa condição não se manteve sustentável, entrando em crise a partir de 1947.⁷ Identificava-se uma estagnação no ramo de livros em relação ao número de exemplares publicados e, também, uma maior competição entre as editoras. Era um

⁴ CABRAL, Eula Dantas Taveira. Internacionalização da Mídia Brasileira: Análise do Grupo Abril. IN: Revista **ALAIC - Revista LatinoAmericana de Ciencias de La Comunicación**, Ano III, nº 5, julio-diciembre/2006, p.147.

⁵ MARANHÃO, Carlos. Op. cit., p.59.

⁶ HALLEWELL Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 2ª ed. Revisada e ampliada, 2005.

⁷ Idem, p.519.

mercado limitado, com redução na tiragem das edições e, conseqüente, diminuição nas margens de lucro na indústria editorial. Além disso, o aumento dos custos gráficos no Brasil havia crescido consideravelmente no período da guerra (1945) com elevação em torno de 80% dos preços de livros no país em relação aos importados.

Políticas governamentais como sistemas de licenças de importação (1951), taxas múltiplas de câmbio (1953) e tratamento preferencial para a importação de livros estrangeiros, em particular os técnicos, considerados essenciais para o desenvolvimento econômico do país, acabaram beneficiando a importação desse tipo de literatura em detrimento da indústria editorial brasileira. Os subsídios para a importação de papel para jornais em comparação às políticas adotadas em relação ao mesmo insumo utilizado para os livros era outro fator que criava mais um obstáculo para a publicação no Brasil. Segundo o autor:

“(...) em 1951, o imposto de importação sobre o papel para livros fora aumentado, tornando-o mais alto do que o imposto sobre livros, e esse ônus continuou mesmo depois que foi instituído um dólar subsidiado para o papel para livros.”⁸

Além da questão do preço do papel, o controle do governo sobre a quantidade de importação do produto em função do ajuste da balança de pagamentos piorava ainda mais o contexto no mercado editorial nesse período. Como resultado, era mais barato importar livros do que produzi-los no país, realidade que perdurou durante muitos anos da década de 1950.

Apesar dessas condições, a indústria editorial brasileira acabou sobrevivendo, seja por programas internacionais de ajuda do governo dos Estados Unidos, iniciados nessa década, por agências como a USIA (United States Information Agency) - questionáveis em função de tentativas de doutrinação política, dumping e propagandas de todas as atividades da própria agência - seja por uma busca de adaptação das principais editoras que já existiam no mercado nacional atuando em suas especialidades tradicionais, como exemplos: a Melhoramentos centrou-se nos livros infantis; a Editora Nacional nos livros didáticos; a José Olympio na literatura brasileira e a Editora Globo, nas traduções de obras.⁹

⁸ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., p.523.

⁹ Idem, p.525.

Como meios alternativos de expansão, surgiram as vendas de coleções, “porta em porta” - vendas domiciliares - cujos pagamentos eram feitos através de prestações. Essa opção surgia como recurso desenvolvido pelas editoras para viabilizar a venda desse tipo de produto, com altos preços finais nas livrarias. Os crediários acabam por garantir esse modelo de negócio. Coleções como a Grande Enciclopédia Delta-Larrousse, Enciclopédia Barsa, Enciclopédia de Arte Culinária, Encyclopedia Judaica, entre tantas outras são publicadas e acabam assegurando resultados lucrativos durante a década de 1960.¹⁰

Com a ascensão de Juscelino Kubitschek de Oliveira à presidência da República, em 31 de janeiro de 1956, o crescimento do mercado de livros no Brasil seria retomado. Segundo Laurence Hallewell, em mensagem enviada ao Congresso (1958), o novo presidente afirmava em relação à produção de livros:

(...) um “indicador excelente” do progresso cultural do país e um tributo à empresa privada brasileira, exigia do governo “a mais entusiasta ajuda e estímulo”. Tudo deveria ser e seria feito para suprir a crescente necessidade brasileira de livros. Os custos do papel e de impressão precisavam ser reduzidos, e a indústria editorial devia ter o mesmo direito de amplo acesso ao financiamento de que desfrutavam os demais setores da indústria.”¹¹

A concessão de licenças de importação para o setor gráfico buscava renovar um setor obsoleto em razão de escassez de divisas estrangeiras e restrições de importação de bens de capital que foram marcas de vários anos no Brasil. Os equipamentos antigos aumentavam consideravelmente os custos de produção e, ainda, mantinham as editoras dependentes de impressores do exterior.

À essas medidas governamentais, foram incluídas isenções de quase todos os tributos para o setor de livros e indústria do papel, necessárias ao mercado editorial. Redução de tarifas postais, medidas protecionistas e a extinção de taxas de câmbio especiais que favoreciam a importação de livros foram algumas das intervenções do governo que possibilitaram o crescimento do mercado editorial no Brasil entre os anos de 1955 a 1962. O desenvolvimento econômico brasileiro produziu taxas de crescimento anuais elevadas no país, com aumento de produção em diversos

¹⁰ É importante salientar que, por volta dos anos de 1973, esse tipo de mercado acaba ficando saturado em função de muitas editoras terem sido atraídas para as vendas domiciliares.

¹¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., p.533.

setores da economia, entre eles a de produção de livros, que quase triplicou entre 1955 e 1962. A indústria gráfica cresceu 143% entre 1950 e 1960.¹²

Como resultado da política desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek, taxas inflacionárias em rápida ascensão e a corrosão dos salários acabam surgindo na economia, com perda acelerada do poder aquisitivo das classes operária e média.¹³ No período de 1961-1964, os custos de impressão e tarifas postais para livros subiram significativamente no país. Medidas de Jânio Quadros, como a permissão de taxas de câmbio do mercado livre aplicadas sobre as importações de papel, além da retirada do subsídio aos fabricantes brasileiros desse insumo, acabaram elevando de forma significativa os custos no mercado editorial.

Com a ditadura militar, a indústria editorial brasileira recebe forte contribuição tendo em vista a isenção de quase todos os impostos sobre vários estágios da produção e venda de livros, incluindo a fabricação do papel de impressão. Nas palavras de Hallewell:

“A fabricação de papel e a produção local de celulose foram de tal modo estimuladas que, em 1977, a importação de papel limitava-se, virtualmente, a pequenas quantidades de tipos especiais: dez anos antes, a produção nacional cobria apenas 60% do consumo – praticamente todo o papel couché (por exemplo) era importado da Escandinávia, e havia reclamações sobre a baixa qualidade.”¹⁴

É importante lembrar que esse aumento considerável de produção de papel ocorreu através de investimentos estrangeiros no país, com uma queda acentuada na participação da indústria nacional nesse setor pós 1964. A partir de 1966, novas isenções de taxas alfandegárias para importação de máquinas para o setor editorial são concedidas pelo governo, levando a uma renovação do parque industrial e de sua capacidade de produção.

¹² HALLEWELL, Laurence. Op. cit., p.533.

¹³ De acordo com Maria Victoria Benevides: (...) o “esgotamento das virtualidades do modelo desenvolvimentista revela seus aspectos mais discutíveis: as consequências, a longo prazo, da entrada em massa do capital estrangeiro; a descapitalização do meio rural, com os efeitos multiplicadores do inchaço urbano, desemprego e subemprego; a inflação e o crescimento da dívida externa, com o desequilíbrio do balanço de pagamentos, etc.” BENEVIDES, Maria Victoria. O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. IN: GOMES, Angela de Castro (Org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV – CPDOC, 1991, p.19.

¹⁴ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., p.553.

Se abordamos até aqui a questão do mercado editorial pelo lado da produção, Renato Ortiz, em seu livro *A Moderna Tradição Brasileira*¹⁵ nos mostra como nas décadas de 60 e 70 consolida-se no Brasil um mercado consumidor de bens culturais. Segundo o autor, os anos de 40 e 50 poderiam ser pensados como períodos de incipiência em relação a uma sociedade de consumo, mas a partir de meados dos anos 60, ocorre um desenvolvimento em várias esferas da cultura popular de massa. O autor salienta que o processo de consolidação de uma sociedade de consumo no Brasil ocorre de forma diferenciada nos diversos setores culturais ao longo dos anos 1960 e 1970. Em suas palavras:

“A televisão se concretiza como veículo de massa em meados de 60, enquanto o cinema nacional somente se estrutura como indústria nos anos 70. O mesmo pode ser dito de outras esferas da cultura popular de massa: indústria do disco, editorial, publicidade, etc.”¹⁶

Renato Ortiz argumenta que, se é possível perceber um desenvolvimento diferenciado de crescimento de setores na área cultural, isso ocorreu em função de transformações estruturais que ocorriam na sociedade brasileira. Como ponto de reflexão, ele considera que é possível entender as razões para essa evolução a partir do golpe de 64. Segundo o autor, haveria um duplo significado com a advento do Estado Militar: um relacionado ao âmbito político e o outro abrangendo transformações que ocorreram na área econômica. O aspecto político, relaciona-se à questão da repressão, censura, prisões e exílios que ocorreram no Brasil durante o período militar. Sobre a questão econômica, enfatiza que, em 1964, há um aprofundamento de medidas pelo Estado Militar que, em suas palavras, buscaram “reorganizar a economia brasileira” através de um processo de “internacionalização do capital”. Em termos culturais, Renato Ortiz afirma que:

“(...) essa reorientação econômica traz consequências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, fortalece-se o parque industrial de produção da cultura e o mercado de bens culturais.”¹⁷

¹⁵ ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira - Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

¹⁶ ORTIZ, Renato. Op. cit., p.113.

¹⁷ Idem, p.114.

É importante considerar que o desenvolvimento das atividades no âmbito cultural ocorre com um forte controle pela ditadura militar de qualquer manifestação contra o autoritarismo vigente. Além disso, Renato Ortiz nos mostra que existe uma “diferença entre o desenvolvimento de um mercado de bens materiais e um mercado de bens culturais”¹⁸. Em relação ao último, em função de questões de ordem ideológica esse mercado pode sofrer formas diferentes de tratamento por parte do governo. O autor salienta que existem duas formas de censura: uma é a repressiva que diz “não”, e a outra é uma disciplinadora, de caráter mais complexo, pois “ela afirma e incentiva um determinado tipo de orientação”¹⁹.

Quanto aos produtos culturais, durante o período de 1964-1980, a ditadura age com características de uma repressão seletiva, como diz o autor, com o intuito de impossibilitar o surgimento de pensamentos ou obras artísticas que contrariem o regime militar. Dessa forma, os censores buscavam atingir a obra mas não a produção. Como exemplos, são censurados os filmes, as peças de teatro, os livros, artigos de jornais e revistas, etc., mas não o teatro, o cinema e a indústria editorial. Nesse sentido, Renato Ortiz afirma que:

“O movimento cultural pós-64 se caracteriza por duas vertentes que não são excludentes: por um lado se define pela repressão ideológica e política; por outro, é um momento da história brasileira onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais. Isto se deve ao fato de ser o próprio Estado autoritário o promotor do desenvolvimento capitalista na sua forma mais avançada.”²⁰

Para esse desenvolvimento econômico, é estabelecida uma relação muito forte entre o Estado militar e os grupos empresariais, pois é a partir da década de 60 que estes setores assumem serem “portadores” de um capitalismo não mais incipiente, mas aquele cujas bases são garantidas pelo próprio Estado. Fazendo uma aproximação com as políticas governamentais que vimos a partir de 1966, como os incentivos garantidos à fabricação de papel e as políticas para a importação de maquinários necessários para a renovação do parque da indústria editorial, podemos perceber, de forma bastante clara, que a colaboração entre o Estado Militar e o setor empresarial de livros é garantia para a expansão dos grupos privados no Brasil.

¹⁸ ORTIZ, Renato. Op. cit., p.114.

¹⁹ Idem, p.114.

²⁰ Ibidem, p.114.

O volume e a dimensão do mercado de bens culturais serão as características da situação cultural no país nos anos 60 e 70. As produções que eram pequenas na década de 50, passam a ser expressivas e diferenciadas, atingindo um número cada vez maior de consumidores. Consolida-se no período uma grande expansão na produção, distribuição e consumo de cultura; grandes grupos passam a controlar os meios de comunicação e a cultura popular de massa.

Renato Ortiz nos apresenta a evolução da produção de livros que ocorre no Brasil, entre os anos de 1966 e 1980 (em milhões de exemplares), em função das políticas governamentais implementadas:²¹

Tabela 1 – Evolução da produção de livros no Brasil

| Ano | Exemplares (milhões) |
|------|-------------------------|
| 1966 | 43,6 |
| 1974 | 191,7 |
| 1976 | 112,5 |
| 1978 | 170,8 |
| 1980 | 245,4 |

Não foi apenas o setor de livros que se beneficia das políticas do regime militar, a indústria editorial, de modo geral, pode se modernizar e acaba por apresentar um aumento na qualidade da impressão e no volume da produção para um mercado consumidor de massa que se estabelecia no país. Em relação ao mercado de revistas ocorre forte crescimento de exemplares vendidos a partir de 1965, ao mesmo tempo que o setor de publicação tem grande diversificação para atender um público cada vez mais especializado. Renato Ortiz nos apresenta o crescimento no consumo de revistas (em milhões de exemplares) que ocorreu no Brasil no período entre 1960 a 1985:²²

Tabela 2 – Crescimento no consumo de revistas no Brasil

| Ano | Exemplares (milhões) |
|------|-------------------------|
| 1960 | 104 |
| 1965 | 139 |
| 1970 | 193 |
| 1975 | 202 |
| 1985 | 500 |

²¹ ORTIZ, Renato. Op. cit., p.122.

²² Idem, p.122.

É nesse cenário do mercado editorial do país que a Editora Abril estava inserida e desenvolveu um novo modelo de negócios, altamente lucrativo, que foi o lançamento das “coleções em fascículos” - a Coleção *Nosso Século*, objeto dessa monografia, é um produto desse novo mercado.

2.2. A Coleção *Nosso Século*

Após a experiência com a publicação da revista *O Pato Donald*, a Editora Abril inicia uma série de lançamentos, com um aumento crescente de títulos e um processo de diversificação em termos de áreas de interesse, com objetivo de buscar conquistar o público e aumentar o consumo de suas revistas no país.

Entre 1950 e 1959, ela publica 7 títulos; entre 1960 e 1969 este número sobe para 27; no período de 1970 a 1979 atinge 121 títulos. Suas publicações também sofrem grande diversificação ao longo do tempo; na década de 1950, a Editora Abril praticamente se sustenta através de fotonovelas, entre elas: *Capricho*, *Você*, *Ilusão* e *Noturno*. Nos anos 60, surgem revistas mais especializadas como: *Transportes Modernos para Executivos*, *Máquinas e Metais*, *Quatro Rodas* e *Claudia*. Na década de 70, a editora consolida e expande esse processo de diversificação. Os títulos infantis multiplicam-se, entre eles: *Cebolinha*, *Luluzinha*, *Piu-Piu*, *Enciclopédia Disney*. Em termos de tiragem, a publicação da história em quadrinhos *O Pato Donald*, que em 1950 foi de 83 mil exemplares, é ultrapassada por 70 títulos infantis, com um total de 90 milhões de exemplares publicados.²³

A partir dos anos 60, a editora busca conquistar o público feminino setorizando suas publicações: fotonovelas, costura (*Agulha de Ouro*), cozinha (*Forno e Fogão*, *Bom Apetite*), moda (*Manequim*), decoração (*Casa Claudia*), assuntos gerais (*Claudia*). A mesma estratégia é utilizada para atingir o público masculino: automóveis (*Quatro Rodas*), chofer de caminhão (*O Carreteiro*), sexo (*PlayBoy*), motocicleta (*Moto*), futebol (*Placar*), navegação (*Esportes Náuticos*), economia e negócios (*Exame*). O objetivo da editora era atender os interesses dos leitores potenciais das classes dominantes, classe média e parte das classes

²³ ORTIZ, Renato. Op. cit., p.123.

trabalhadoras, que eram excluídas dos sistemas de ensino após a conclusão dos estudos primários.²⁴

A partir da biografia de Roberto Civita, é possível descobrir a origem do modelo de negócios baseado na venda de coleções em fascículos, característica da Coleção *Nosso Século*. Por volta de julho de 1964, em reunião com profissionais da editora, Vitor Civita apresenta uma novidade que trazia de sua última viagem pela Itália e que estava sendo produzida pela Fratelli Fabbri Editori, em Milão. Em sua visita à área editorial da empresa italiana, descobriu que haviam inventado um jeito diferente de vender cultura em um país que iniciava sua recuperação econômica pós Segunda Guerra Mundial e em um mercado no qual as pessoas tinham pouco dinheiro para gastar. Em relação ao sucesso da Fratelli Editori, Victor Civita comentou:

“Ela decolara com o lançamento de enciclopédias, uma Bíblia, uma obra sobre a História da arte e uma série de discos de música clássica - tudo em fascicoli. Só na Itália, os tais fascicoli haviam alcançado uma venda de 600 milhões de exemplares, tendo sido reproduzida em catorze idiomas.”²⁵

Em relação a novidade editorial, traduzida no país como fascículos, Civita explicou que cada fascículo tinha umas vinte páginas e era vendido semanalmente nas bancas de jornais, a preço baixo. O leitor comprava, levava para casa e guardava. Depois de mais ou menos 20 edições em ordem numérica, sem poder pular nenhuma, o consumidor adquiria uma capa dura e mandava encaderná-los, formando assim cada volume. A obra completa reuniria oito volumes. Isso significava cerca de três anos para ficar pronta. Segundo Victor Civita, era complicado e trabalhoso, mas tendo sido um êxito na Itália e em vários outros países, acreditava que o mesmo ocorreria no Brasil.

Inúmeros questionamentos quanto ao sucesso da nova publicação foram lançados, sendo todos contra a obra, porém nada convenceria Vitor Civita. Com uma decisão “democrática”, em função de ter 51% dos votos, determinou que a primeira coleção em fascículos fosse publicada. A escolha seria entre uma Bíblia ricamente ilustrada ou uma enciclopédia para estudantes, que na Itália se chamava *Conoscere*,

²⁴ ORTIZ, Renato. Op. cit., p.124.

²⁵ MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita: o dono da Banca** - A vida e as ideias do editor da Veja e da Abril. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2016, p.104.

Conhecer no Brasil. A decisão foi pela publicação da Bíblia. Posteriormente, seria lançada a enciclopédia *Conhecer*.

A Abril Cultural foi uma editora constituída especialmente para a publicação dos fascículos²⁶, iniciados com a *Bíblia mais bela do Mundo* seguida pela *Conhecer* e inúmeras publicações que aconteceram entre 1965 e 1982. Nesse período, teriam sido vendidos mais de 1 bilhão de fascículos²⁷ através de um eficiente sistema de distribuição, baseado na utilização de bancas de jornal para venda desse produto, que buscava superar o “gargalo” em relação ao baixo número de pontos de comercialização de livros e outras publicações no Brasil. Para a venda de seus novos produtos, haviam dezoito mil bancas de jornal em todo o Brasil à disposição da Abril Cultural.

Diversas obras são publicadas, com temas de interesse geral e outros mais específicos. Obras como: o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, o *Livro da Vida*, *Enciclopédia do Automóvel*, *Ciência Ilustrada*, *Os Pensadores*, *Os Economistas*, *Os Filósofos*, *Gênios da Pintura* e *Grandes Personagens da Nossa História*. Referente a literatura, *Os Imortais*, *Teatro Vivo*, *Clássicos Modernos* foram alguns dos lançamentos da editora. Incluindo um disco LP junto aos fascículos, a Abril Cultural edita entre outras obras *História da Música Popular Brasileira*, *Grandes Compositores* e *Grandes Óperas*. A coleção *Os Cientistas* é publicada em 1972 e inovaria mais uma vez trazendo um kit em cada fascículo com o qual o leitor podia repetir os experimentos de cada figura importante da História da Ciência.

A Coleção *Nosso Século* fez parte desse modelo de negócio, sendo publicada em 27 de maio de 1980, com lançamento nacional, formada por 84 fascículos vendidos semanalmente em bancas de jornais. A *Nosso Século* foi composta por seis volumes, apresentando a História do Brasil do período de 1900 a 1980. Os volumes de 1 a 5 retratam períodos da História do país: Período 1900/1910 - A Era dos Bacharéis (volume 1), Período 1910/1930 - Anos de Crise e Criação (volume 2), Período 1930/1945 - A Era Vargas (volume 3), Período 1945/1960 - A Era dos Partidos (volume 4) e Período 1960/1980 - Sob as Ordens de Brasília (volume 5).

²⁶ Para a publicação das coleções, a Editora Abril criou uma divisão em sua estrutura, a Abril Cultural que seria, anos mais tarde, substituída pela Nova Cultural (1992).

²⁷ PEREIRA, Mateus H.F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). IN: Revista **Em Questão**, Porto Alegre, v.11, nº 2, jul.-dez/2005, p. 240.

O sexto volume foi formado com as 4ª e 5ª capas de todos os fascículos com centenas de anúncios de propagandas que foram lançados no período de 1880 a 1980, criando o volume “100 anos de Propaganda no Brasil”.

Além disso, um LP, *Documentos Sonoros*, acompanhava gratuitamente o fascículo número 8, com uma coletânea de trechos de músicas, jingles e discursos políticos do período de 1900 a 1980 que completariam a obra formada por textos, imagens e sons.

Depoimentos Oraís de dois grandes personagens que participaram da elaboração e produção da *Nosso Século* permitiram não só conhecer aspectos importantes da coleção mas, principalmente, “vivenciar”, através de suas memórias, a história de uma obra que buscava retratar nosso país do século XX.

Elizabeth De Fiore di Cropani e Vladimir Sacchetta²⁸ não só confirmaram a tese em relação às marcas de singularidade e inovação que a coleção *Nosso Século* traz, mas foram muito além, reforçaram a ideia do quão encantador e interessante é o campo da História Oral na medida que os relatos pessoais narrados, por si só, permitem uma aproximação com o passado que buscamos compreender e, sobre o qual, pretendemos escrever.

Elizabeth De Fiore di Cropani, formada em Ciências Sociais pela USP, entrou para a Abril Cultural em 1964 desenvolvendo vários trabalhos antes de tornar-se a Diretora Editorial da *Nosso Século* e a grande responsável pela coleção. Tendo participado inicialmente da edição ilustrada da Bíblia Sagrada em fascículos quinzenais, *A Bíblia mais Bela do Mundo* (1966), Elizabeth cita a revista *Conhecer* como sendo a primeira coleção de fascículos culturais que ela trabalhou, lançada pela editora em 1966. Segundo Elizabeth, seria, inicialmente, uma coleção a ser traduzida, mas acabou sendo inteiramente refeita. Em suas palavras:

“(...) Depois da Bíblia, lançou-se a primeira coleção em fascículos culturais que foi a revista *Conhecer*. Era uma coleção de 12 volumes que deveria ser traduzida, mas no fim ela foi refeita do zero. Eu me lembro que eu e mais duas pessoas estávamos fazendo a tradução e dizíamos: Não é possível. Aqui no Brasil não dá. Por qualquer motivo eles colocavam “pronuncia”, ou seja, como é que uma palavra estrangeira é pronunciada em italiano. Então, ela foi totalmente refeita.”

²⁸ Depoimentos orais de Elizabeth De Fiore di Cropani e Vladimir Sacchetta concedidos à autora da presente monografia, realizados em São Paulo, nos dias 10/04/2018 e 11/04/2018, respectivamente, fazendo parte do acervo desse trabalho. As citações presentes nessa monografia remetem ao material das entrevistas concedidas.

Por ter sido uma obra de grande sucesso, participou das dez reedições da revista *Conhecer*, introduzindo aos poucos matérias sobre o Brasil, pois sendo de origem italiana, nenhum tema nacional estava inserido na coleção. Elizabeth De Fiore ressalta ainda que um corpo de consultores foi montado com professores da Universidade de São Paulo que haviam sido exonerados em função do regime militar:

“(...) o corpo de consultores foi inteirinho montado com os professores que foram exonerados da Maria Antônia. Da Maria Antônia não, da Universidade de São Paulo. O pessoal ficou sem emprego e a Abril absorveu como consultor.”

Com a coleção *Conhecer*, Elizabeth começa a ter seu primeiro contato com a iconografia de gravuristas. Mesmo havendo um número reduzido de imagens, procurava inserir na obra todo material iconográfico disponível, o que mais tarde, seria uma das marcas da Coleção *Nosso Século*.

Em seguida, participou da obra *Os Grandes Personagens de Nossa História*, uma obra em que organizou pesquisas e ida de fotógrafos a instituições para obter imagens que seriam incorporadas a essa nova publicação da editora. A preocupação de Elizabeth De Fiore em relação ao registro de informações, créditos e referências de cada ilustração torna-se presente na coleção. Em suas palavras:

“Acho que foi a primeira coleção que deu para fazer porque você encontrava uma ou outra ilustração em livros, mas preto e branco, e muitas vezes não dizia onde estava. Então, eu me lembro que eu comecei a organizar idas de fotógrafos para os Palácios de Governo, para uma ou outra instituição. Tinham poucas. O Arquivo do Estado, o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional. Eu me lembro que eu fiz questão de colocar os créditos inteirinhos em todas as imagens, dizendo quem fez, onde está, de quem que veio.”

Posteriormente, participou da *Grandes Personagens da História Universal* e da obra que seria uma das sementes para a coleção *Nosso Século*, a *História do Século XX*. Essa obra era uma coleção de origem inglesa, lançada na Europa, traduzida para ser publicada pela Abril Cultural com a inclusão de matérias sobre o Brasil. Elizabeth De Fiore considera uma obra excelente sobre o século XX, pois apresentava artigos de especialistas sobre vários aspectos, incluindo todas as guerras do ponto de vista militar, social e político. Muito impressionada com o

primor da coleção, a *História do Século XX* seria uma inspiração para o desenvolvimento da *Nosso Século*.

Vladimir Sacchetta, chefe de pesquisa da coleção *Nosso Século*, inicia sua formação superior em 1971 ingressando na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Em 1976, quando se forma, ao invés de seguir carreira jurídica, é contratado pela Editora Abril para participar das publicações de fascículos e livros. Vladimir Sacchetta nos revela que sua história com livros, fascículos e, principalmente, com a memória brasileira começa a partir daí.

“(...) Quando eu terminei a São Francisco, coleí grau direitinho, fiz tudo que... Ao invés de eu ir para a Ordem dos Advogados fazer o exame da Ordem, me tornar advogado, eu soube que a Abril estava contratando para uma redação de fascículos e livros. Fui lá fazer o teste. A minha história com a Abril, com fascículos, com livros e com essa memória brasileira começa aí.”

O encontro de nossos personagens, Elizabeth De Fiore e Vladimir Sacchetta ocorre no desenvolvimento da coleção *Novo Conhecer* em que ambos passam a trabalhar no mesmo grupo. Pelas memórias de Vladimir, podemos conhecer como essa aproximação acontece:

“(...) Isso é em 1976. Eu vou para a Abril, me aproximo da Beth. A Beth me puxa para o grupo dela por conta de uma relação. O Otaviano De Fiore, o marido da Beth, e a própria Beth conheciam meu pai. O Otaviano tinha militado em uma organização trotskista dos anos 50, chamada Liga Socialista Independente. Eles tinham muito carinho um pelo outro, meu pai pelo Otaviano e o Otaviano pelo meu pai. Eu acabei caindo na Beth para fazer o *Novo Conhecer*. O *Conhecer* estava sendo reeditado. O *Conhecer* tinha sido um fascículo campeão de vendas e a Beth tocava a redação, entre outras. Então eu fui trabalhar em *Novo Conhecer*.”

As coleções em fascículos publicadas pela Abril Cultural foram um sucesso de venda, com centenas de obras lançadas entre 1965 e 1982. A *Nosso Século* fazia parte desse modelo de negócio e segundo Elizabeth De Fiore o aumento do poder aquisitivo da classe média que ocorreu nos anos do regime militar teria sido um fator que possibilitou a compra de muitas dessas coleções. Em suas palavras: “(...) os militares fizeram vários malefícios e alguns benefícios... Criou grandes empresas nacionais, aumentou o número de empregos, a classe média de repente começou a enriquecer.”

A preocupação em proporcionar uma educação de qualidade para seus filhos seria um objetivo daqueles que tinham uma pequena formação cultural. Além disso, o custo baixo necessário para a aquisição de cada fascículo facilitava a compra de enciclopédias para leituras e trabalhos escolares.

“Essa classe média, apostando na educação, conseguia comprar, semanalmente, com pouco dinheirinho, uma enciclopédia como a *Conhecer* para seus filhos fazerem trabalho de escola, lerem e tal. Era uma aposta na educação. Como a gente não sabe muito, meus filhos fazem perguntas que eu não sei responder. Você vai lá e acha as coisas nos fascículos. Isso foi uma coisa importante, essa nova classe média sem underground cultural, mas que apostava na educação dos filhos.”

A perspectiva de Vladimir Sacchetta, complementa a ideia de Elizabeth em relação ao sucesso do modelo de fascículos. Chefe de pesquisa da *Nosso Século* em 1978, considera que a venda em fascículos permitia um preço baixo desse produto nas bancas de jornais, além disso, os volumes formavam coleções bonitas que tornavam-se elementos de decoração das residências.

“Esse modelo permitia que esses fascículos fossem para bancas com um preço muito reduzido. Ao longo do tempo, esses fascículos compunham uma coleção muito bonita. Para você ter uma ideia, tinha gente que escrevia para a Abril para saber quantos centímetros a coleção ia ocupar nas prateleiras. Era um elemento de decoração. Tinha gente que não lia coisa nenhuma, mas punha os fascículos ali para... Os volumes encadernados, os fascículos, na prateleira da sua casa.”

Ressalta que foi uma forma de difusão cultural muito positiva e de grande sucesso. Algumas coleções vendiam muito e outras menos, mas esse modelo foi um êxito para a editora. Nas palavras de Vladimir Sacchetta: “... Eles ganharam muito dinheiro. É um modelo que durante muitos anos era a galinha dos ovos de ouro daquele setor da Abril Cultural.”

Conforme informação, na revista *Veja*, edição 614, de 11 de junho de 1980, o fascículo de número 1 da *Nosso Século* foi reeditado em função de suas vendas terem esgotado nas bancas de jornal. Assim era o anúncio:



Figura 2 – Anúncio de relançamento da *Nosso Século* ³⁰

Quanto a origem da *Nosso Século*, Vladimir traz em sua narrativa que a coleção surgiu a partir de duas inspirações, sendo de Elizabeth De Fiore a ideia pioneira de fazer uma coleção do Brasil - Século XX Iconográfico:

“(...) De repente surgiu a ideia do *Nosso Século*, que não se chamava *Nosso Século*. O primeiro nome que o *Nosso Século* teve foi *Brasil Século XX*, por conta de uma coleção inglesa que a Abril tinha editado alguns anos antes. A ideia da Beth, a Beth sempre pensava grande, era fazer um Brasil Século XX iconográfico...”

As inspirações que nortearam o lançamento da coleção no Brasil foram obras já publicadas no exterior. A coleção *História do Século XX*, publicada em 1968 na Inglaterra e traduzida para a língua portuguesa em 1974, com a própria Elizabeth De Fiore no Conselho Editorial e o Prof. Francisco Correa Weffort como coordenador e consultor dos artigos sobre o Brasil, teria sido a primeira obra inspiradora. Segundo Vladimir:

“Então surgiu a ideia de se fazer uma coleção tendo como modelo a *História do Século XX*, com copyright inglês feito no final dos anos 60. A Abril

³⁰ Revista *Placar*, edição nº 639, de 20 de agosto de 1982, pp.66-67 e Revista *Veja*, edição nº 728, de 18 de agosto de 1982, pp.184-185. Editora Abril, São Paulo, S.P. Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc) e Área de Gestão de Conteúdo Editorial - Dedoc. Informação e imagem fornecida via e-mail, em 06/06/2018.

comprou os direitos, editou aqui, traduziu e incluiu nos volumes algumas matérias sobre o Brasil. Aquilo lá despertou.”

A outra fonte de inspiração seria uma obra sobre a história dos Estados Unidos cuja característica principal era o uso de imagens, a iconografia, para contar a história americana do período 1870 a 1970, publicada pela Time Life Books, *This Fabulous Century*. Do ponto de vista gráfico e iconográfico, era uma obra que apresentava a riqueza dos ‘arquivos americanos e a qualidade em relação às imagens. Os cem anos de História dos Estados Unidos eram apresentados em volumes com uma encadernação em panos que reproduziam as estampas da época. Surge, então, a ideia de publicar a coleção *Nosso Século* e Vladimir Sacchetta recebe o convite para participar da publicação:

“(…) Eu tive o privilégio. A Beth me chamou e falou: Vladinho, eu estou pensando em fazer isso, isso, isso, isso e aquilo. O que você acha? Eu falei: Maravilhoso, Beth! Nossa! Estou dentro...”

Completando a narrativa de Vladimir Sacchetta sobre a origem da Coleção *Nosso Século*, Elizabeth De Fiore confirma que a coleção americana publicada pela Time Life Books, foi uma das inspirações porém, faz uma observação importante em relação a memória de um povo:

“(…) a coleção dos americanos tem fotos extraordinárias de todos os aspectos, da Guerra Civil, da luta dos escravos contra os senhores no sul e tal... (...) Isso aqui era o rei dos books levels na época da proibição, mas era só foto de uns excelentes fotógrafos. Quer ver? É um belo álbum de fotos, mas não é uma história e nem pretendia ser história. Eu é que falei: - **Em uma terra que não há memória, ninguém sabe de nada, não pode ficar só publicando fotos. Tem que ter o contexto, quem fez, o porquê e tal...** (grifo meu)”

Com o intuito de reconstituir a história brasileira e contribuir para a preservação da memória nacional, a equipe da *Nosso Século* pesquisou e recolheu milhares de documentos que estavam dispersos e espalhados pelo Brasil: fotos, gravações sonoras, manuscritos, livros, jornais e revistas, estatísticas econômicas, poesias, romances, pinturas, filmes e tapes de televisão.

O objetivo era apresentar aspectos da vida política, econômica, cultural e social das oito décadas que marcaram o período de 1900 a 1980 de forma inovadora, ousada e criativa. A abrangência da obra vai além de relatar datas e fatos históricos, apresenta novos enfoques, abordagens e domínios que retratam a História do Brasil.

Alguns desses elementos serão apresentados para caracterizar essa nova abordagem da coleção *Nosso Século*.

3. *Nosso Século* – a inovação em seu conteúdo

“(...) uma obra que conta de forma **inédita e fascinante** a história de um povo: política, economia, cultura, vida cotidiana, evolução social, hábitos e costumes. É o Brasil no século XX, de corpo inteiro. (grifo meu)”³¹

Lançada em 27 de maio de 1980, a Coleção *Nosso Século* trazia, em seu primeiro fascículo, um editorial em que Victor Civita, editor e diretor da Abril Cultural, apresentava os principais objetivos da nova coleção que abordava a História do Brasil durante o século XX. A Carta do Editor possibilita inúmeras reflexões sobre vários aspectos que ela aborda, mas a monografia buscará identificar alguns dos elementos inovadores que a *Nosso Século* apresenta em relação ao conteúdo e forma de trabalhar novos temas sobre a história do nosso país.

3.1. Marcas de pioneirismo da *Nosso Século*

A abrangência em termos de novos enfoques, abordagens e domínios para contar a História do Brasil sinaliza para um diálogo com novas perspectivas que estavam presentes no ambiente intelectual à época de sua publicação.

Apenas para assinalar os debates que ocorriam no campo da *escrita da história*, cabem pequenas considerações em relação a determinadas discussões que ganhavam corpo na historiografia.

Francisco Falcon afirma que haviam “três principais linhas de força” que permeavam as produções acadêmicas entre 1970 e 1980: a historiografia tradicional, a *Nouvelle Histoire* (ou dos Annales) e a crítica predominantemente marxista.³² Segundo o autor, a partir dos anos 1960, a dialética entre a linha tradicional e a da inovação teriam marcado a produção historiográfica. Na linha

³¹ Coleção *Nosso Século*. **Carta do Editor**. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p. V.

³² FALCON, Francisco J.C. A Identidade do Historiador. IN: **Estudos Históricos**, v.9, nº17, jan-jun/1996, p.8.

Tradicional, havia a predominância de uma história narrativa, factual, idealista, descritiva, cronológica e linear elaborada a partir de fontes primárias, tendo o empirismo positivista como marca da verdade histórica.

A *Nova História*, era caracterizada pelo prestígio da Escola dos Anais, com textos de Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. Sua abordagem preconizava uma História estrutural, totalizante, crítica e, também, inovadora em relação às fontes e pressupostos teórico-metodológicos. As perspectivas teóricas de Marx e Engels influenciavam essa corrente de inovação no campo historiográfico. Ao mesmo tempo, propagava-se, nos meios acadêmicos entre os anos 1960 e 1970, a história quantitativa ou serial, muito usada em campos como a história econômica, social e demográfica.

Novos paradigmas para a interpretação da História foram ganhando espaço privilegiando a continuidade, os fenômenos sociais e suas relações com as questões econômicas, o mundo do trabalho, da produção, as relações sociais e as mudanças culturais. O interesse era por uma História Total, que abrangia as diversas e diferentes atividades humanas. O contato entre historiadores e outras áreas de conhecimento, como a Sociologia e Antropologia, abriu espaço para pesquisas sobre aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, ampliando o horizonte de interpretação histórica.

É possível pensar que essas novas abordagens que permeavam a História dialogavam com o ambiente intelectual de maneira geral. Nesse sentido, a presença de profissionais de diversas áreas de conhecimento na equipe da coleção, trazem à *Nosso Século* um conteúdo inovador, com a apresentação de novos temas em relação à História do Brasil.

A atuação, em particular, de Elizabeth De Fiore di Cropani na definição de objetivos e pautas foi de fundamental importância para a coleção apresentar elementos tão diferenciados para a época. Além disso, a participação de intelectuais de diversas áreas, com a função de consultores de pauta e de texto, assim como a presença do chefe de pesquisa Vladimir Sacchetta, impuseram as marcas de pioneirismo à coleção *Nosso Século*.

Nas memórias de Elizabeth De Fiore, Pedro Paulo Poppovic, antigo diretor da área de fascículos na Editora Abril Cultural, considerado um dos responsáveis pelo sucesso de vendas das coleções, teria proposto àqueles que desenvolviam as obras que pensassem de forma criativa e lançassem propostas e sugestões novas que

pudessem ser publicadas. A ideia de busca por inovação se mostrava bastante presente:

“(…) Em 77, eu acho que saiu uma pessoa muito importante da divisão de fascículos, que era o Pedro Paulo Poppovic. Ele era uma rara mistura de intelectual que conhecia todos esses consultores da Maria Antônia e de administrador, em uma época que havia o boom dos fascículos. Então, ele é um cara que foi responsável por esse sucesso todo. Ele saiu, se desentendeu com a direção e tal. Eu me lembro que na saída ele disse: **Sejam criativos! Se virem! Façam propostas, pensem o novo...** (grifo meu).”³³

Elizabeth De Fiore lança uma ideia para a publicação de uma coleção - que seria a *Nosso Século* - cujo objetivo era ser uma obra de memória sobre a História do Brasil do século XX. Seria um álbum fotográfico do Brasil do período de 1900 a 1980. Em suas palavras:

“(…) Eu pensei, pensei. Eu não me lembro qual foi o germe, mas me lembro que falei: **Eu vou oferecer uma obra de memória.** Eu sabia que se dissesse que queria fazer uma história com política, economia, não sei o quê, os caras iam torcer o nariz. “Lá vem ela”. Eu falei: Não! É memória. São os baús da vovó (grifo meu).”

Vladimir Sacchetta, reforça que o objetivo inicial da *Nosso Século* era ser uma história visual do século XX do Brasil: “(…) **uma memória brasileira amplamente ilustrada** (grifo meu)”.

Além disso, salienta a importância de mostrar os processos históricos que antecederam o novo século. Analisando o primeiro volume, encontramos o capítulo inicial “Crepúsculo do Século”, que apresenta uma retrospectiva da sociedade brasileira desde o princípio do reinado de Dom Pedro II até os anos iniciais da República. Textos concisos sobre o “Segundo Reinado”, a “Guerra do Paraguai”, a “Sociedade Escravocrata”, “A mãe preta”, “Abolição da Escravatura”, a “Proclamação da República”, “Canudos”, a “Revolta da Armada e Revolução Federalista” visavam reconstituir os antecedentes à virada do século.

Em relação ao projeto da nova coleção, era necessário a apresentação de uma pauta de assuntos que seriam abordados em cada volume. Essa responsabilidade

³³ Depoimentos orais de Elizabeth De Fiore e Vladimir Sacchetta concedidos à autora da presente monografia, realizados em São Paulo, nos dias 10/04/2018 e 11/04/2018, respectivamente, fazendo parte do acervo desse trabalho. As citações presentes nessa monografia remetem ao material das entrevistas concedidas.

esteve a cargo de Elizabeth De Fiore que organizou, pesquisou e fez vários estudos sobre como diagramar textos e imagens que gostaria de publicar e a restrição quanto ao tamanho e espaço disponíveis para cada pauta. Suas palavras deixam claro o que buscava em relação às informações que a coleção apresentaria:

“(...) O problema do tamanho. A gente tinha uma coluna por dupla, certo? Eu não quero uma única linha que não tenha uma informação... Cada linha tem que conter uma informação, ou seja, o texto tinha que ser enxuto, falar do principal, ser interessante porque é para leitura e não é só para consulta dos doutos. É para que as pessoas leiam, se interessem, entendam.”

Aprovada a ideia de lançar um álbum fotográfico do Brasil, Elizabeth De Fiore começa a desenvolver pesquisas, fazer leituras, levantamento de cronologias e definir temas a serem abordados pela nova coleção. A constituição de uma equipe de pesquisadores auxiliou nessa busca por informações. Em suas palavras:

“(...) Eu montei uma equipe de pesquisadores...Então eu passava os dias lendo tudo que havia sobre cada um dos períodos. Isso ao longo do tempo, claro. Mas, principalmente, 1900-1910 que é o primeiro volume. Lendo e anotando as coisas principais... Fazendo uma cronologia e depois separando isso por tópicos. Na política era isso, na economia era isso, na moda, jornalismo... Isso foi o meu trabalho, dizer o que ia ser abordado e como...”

Segundo Vladimir Sacchetta, a *Nosso Século* trouxe o pioneirismo em seu conteúdo em função da inteligência da pauta, e da visão de país dos intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) que faziam parte do corpo de consultores de pauta e de texto da coleção. Considera a obra inglesa *História do Século XX* e a obra americana da Editora Time Life³⁴ como ponto de referência, na medida que já apresentavam vários recortes que iriam além da história política. A partir dessas referências, adaptações eram feitas para a realidade brasileira:

“(...) Por conta disso, você vai através das fontes, uma revista como a *Careta*, o *Malho*, *Fon-Fon*, *Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana*. É lá que você vai encontrar a história da sociedade brasileira. Evidentemente, o recorte é a história do andar de cima, mas você vai buscar o que está acontecendo aqui em baixo. Onde estão os homens pobres, livres, negros, pós-abolição? Qual é o papel dos imigrantes estrangeiros que vem para cá substituir essa mão de obra escrava que vai para a rua, que vai para a favela? **É uma questão de visão de história.** Por isso que eu digo que é uma história não oficial...”

³⁴ Sobre as obras que serviram como inspiração para a Coleção *Nosso Século*, ver capítulo anterior, p.21.

Sobre a singularidade e pioneirismo que marcam o conteúdo da coleção *Nosso Século*, Vladimir Sacchetta nos mostra como os assuntos iam sendo apresentados, trazendo aspectos e elementos novos sobre a História do Brasil, além da abordagem inovadora de temas:

“(…) Você abre espaço para o Lampião junto com o espaço que a família Prado tinha aqui, como cafeicultores, ou Matarazzo que eram imigrantes e que criam um grupo econômico forte. Essa é a inteligência da pauta. Isso tem a ver com essa visão de país que sai lá do povo da Maria Antônia, da USP...”

Vladimir Sacchetta conclui sua ideia em relação à inovação que a Coleção *Nosso Século* trouxe em relação à apresentação da História do Brasil afirmando:

“É uma mistura de Boris Fausto e Weffort. Sergio Buarque e tal, que ousadamente constroem essa história, constroem essa narrativa e levam para a banca. Esse que é o pulo do gato do *Nosso Século*.”³⁵

A atividade de pesquisa foi algo de fundamental importância para a característica inovadora que a coleção trazia pois, segundo Vladimir Sacchetta, ela provocava uma “retroalimentação” para a pauta que seria abordada. Em relação a essa questão, ele afirma que a ação era bastante interessante, pois, com as pautas em mãos, ele saía para pesquisas. Especialmente na “República Velha”, onde os arquivos eram mais dispersos, sentava-se para ler revistas ilustradas como *Careta*, *Revista da Semana*, *Ilustração Brasileira*, entre outras. No folhear das revistas em busca de iconografia, encontrava várias e diferentes histórias.

As pesquisas davam *feedback* para as pautas, o que possibilitava a abordagem de temas novos na *Nosso Século*. Segundo Vladimir Sacchetta:

“(…) Você sentava para ler uma *Careta*, por exemplo, essas revistas ilustradas, *Revista da Semana*, *Ilustração Brasileira*, e no folhear a revista em busca de iconografia você encontrava histórias. Essa pesquisa provocava uma retroalimentação, dava *feedback* para sua pauta. (...) **O Nosso Século ousava, ousava e ousava** (grifo meu).”

³⁵ Apesar da citação mencionar autores como Boris Fausto, Francisco Weffort e Sergio Buarque de Holanda, não serão discutidas na presente monografia, questões ligadas a historiografia. Análises sobre a participação de intelectuais na publicação da *Nosso Século*, são caminhos possíveis para continuidade da pesquisa que pretendo avançar no futuro.

Vladimir Sacchetta nos dá alguns exemplos dessa forma ousada da *Nosso Século* apresentar certos assuntos. Alguns temas despertavam polêmicas, como a história de Gino Amleto Meneghetti:

“(…) Me lembro de um fascículo que a gente fez. A gente colocou na capa o Meneghetti, Gino Amleto Meneghetti, que era um ladrão romântico na década de 20, aqui em São Paulo. A gente pôs quatro fotos, fotos de prontuário policial, e uma das chamadas da capa era “meus roubos são mais honestos do que o comércio.”

Temas tradicionais, como a tragédia de Euclides da Cunha, também foram objeto de novos olhares:

“(…) Foi muito engraçado quando a gente descobriu a história do assassinato do Euclides da Cunha. O Dilermando de Assis era amante da mulher de Euclides. Ele era um cadete de exército, campeão de tiro. Euclides ficou furioso, foi se meter a besta com ele e ele foi e matou o Euclides. A gente contou a história do Euclides através do assassinato. Isso deu reclamação... Volta e meia tinha alguém rosnando porque a gente tratava a história de uma forma muito no contrapelo da história oficial.”

Segundo Elizabeth De Fiore, os intelectuais que trabalharam como consultores de pauta e texto foram de fundamental importância nessa abordagem inovadora no conteúdo da *Nosso Século*. A grande maioria era da Universidade de São Paulo e faziam parte do mesmo círculo que ela teria vivenciado em seus anos de academia. Após a definição da pauta inicial, os consultores acrescentavam ou retiravam assuntos, muitos deles participando diretamente na definição dos temas a serem abordados:

“(…) A pauta inicial quem fazia era eu. Depois de arrumar o consultor, ele acrescentava, tirava ou às vezes até fazia. Por exemplo, na área de literatura, principalmente nos anos 30 a 45, era o Sergio Miceli que fez a pauta porque eu não tinha conhecimento suficiente.”

Os consultores de texto tinham a função de revisão dos artigos escritos pela equipe de redatores da coleção. Alguns desses profissionais poderiam até escrever textos, como os de Economia escritos por Eduardo Kugelmas, mas a grande maioria revisava os textos finais, eventualmente fazendo alterações. Segundo Vladimir Sacchetta, não havia uma fronteira nítida entre a função de consultores de pauta e

texto, eram consultores de ideia, que participaram da *Nosso Século* através de discussões, conversas, revisões, sugestões, e, algumas vezes, escrevendo textos.

É importante notar a excelência dos profissionais que trabalharam na coleção *Nosso Século* como consultores. Na medida que trabalhavam dentro de suas áreas de conhecimento, sem dúvida, trouxeram qualidade aos conteúdos abordados, confirmando a excelência da coleção.

Para Vladimir Sacchetta:

“os consultores eram assim, cada um na sua praia, conversando, dando sugestões e sendo remunerados... O Alexandre Eulálio...trabalhava com um universo de cultura de Belle Époque para frente, Modernismo e tal. O Sergio Buarque já tinha outro viés...”

Entre alguns dos colaboradores da coleção *Nosso Século* podemos citar Sergio Miceli Pessoa de Barros (cientista político e social), Paulo Sérgio Pinheiro (cientista político), Sergio Buarque de Holanda (historiador), Alexandre Eulálio da Cunha (pesquisador), Maria Cecília Forjaz (cientista política e socióloga), Ricardo Ramos (advogado, jornalista e escritor), Boris Fausto (historiador), Décio de Almeida Prado (filósofo e cientista social), Francisco C. Weffort (cientista político), entre tantos outros.

Essa qualidade de profissionais também está presente quando pesquisamos os editores, redatores, pesquisadores de texto e imagem, colaboradores e assistentes que atuaram em diversas áreas da coleção.

Com toda essa equipe, a coleção *Nosso Século* trouxe em seu conteúdo novos temas que ganhavam espaço de interesse na abordagem sobre a História do Brasil.

3.2. Novos Temas

A abordagem de novos temas e conteúdos é uma das marcas de inovação que a Coleção *Nosso Século* apresentou para contar a História do Brasil do século XX. Elizabeth De Fiore, diretora editorial da coleção, nos conta que sua vivência pessoal na vida cultural que existia naquele período acabou definindo o interesse em incluir na obra vários assuntos relacionados a cultura e arte do país. Em suas palavras:

“Aconteceu porque tanto eu como o meu marido fomos muito ligados em artes, em revistas... Eu me lembro que a revista *Senhor* foi uma coisa importante

na época, como padrão de modernidade, na imaginação, na ilustração, até nas fontes. (...) Eu herdei muita coisa do convívio com meu marido... Ele frequentava o Museu de Arte Moderna na 7 de abril, antes de ter o MASP... A gente vivia nesse mundo. Não havia vernissage que a gente não participasse. Não havia debate que a gente não assistisse. Não havia filme que a gente não fosse ver. (...) Então, é um pouco a vivência desse período mais a política.”

Segundo Elizabeth De Fiore, a seleção de temas aconteceu a partir de consultas sobre o que os jornalistas da época consideravam mais importante. A compra em sebos, de revistas que retratavam o linguajar da época e os conteúdos que eram encontrados nessas fontes ajudaram na seleção dos assuntos a serem abordados.

Teatro, música, literatura, assuntos ligados à família e ao mundo das mulheres são alguns dos temas escolhidos nessa monografia para mostrar como a *Nosso Século* discutia e apresentava de forma inovadora, ousada e criativa esses conteúdos em sua obra.

Para retratar o teatro do começo do século, período de 1900 a 1910, a *Nosso Século* utiliza títulos como: “O teatro no tempo das operetas e das companhias estrangeiras.”; “No palco, tragédias e comédias. Na plateia, esnobismo, namoros e mexericos. O que interessa é a moda.”³⁶

Teatros como o Lyrico, o São Pedro de Alcântara, o Recreio Drammatico e o Maison Moderne são apresentados como os mais procurados até 1909, quando o Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi inaugurado. Explorando a ironia, *Nosso Século* recorre ao jornalista Luiz Edmundo para descrever o ambiente que cercava a plateia dos espetáculos:

“(...) Entre o pano que desce e o pano que sobe, por certos camarotes, detonam garrafas de *champagne*. (...) As senhoras honestas entreolham-se. (...) Quando Chico Passos [o prefeito] construiu o Municipal, criando, nas frisas, aquela antecâmara com porta de fechar e cortina de correr, sabia o que fazia... Pensava no *champagne* das *cocottes*”.³⁷

³⁶ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.226 e p.229, respectivamente.

³⁷ Coleção *Nosso Século*. Op. cit., p.226.

Companhias de ópera italiana e alemãs vinham constantemente ao Rio de Janeiro atraídas pelos lucros que viriam de uma elite de fazendeiros e comerciantes. Os teatros brasileiros atraíam celebridades internacionais, como Isadora Duncan e Sarah Bernhardt. Esta última, considerada deusa dos teatros. A figura do box abaixo exemplifica a linha de pauta adotada pela *Nosso Século* quando aborda de maneira jocosa os “desastres” que permearam as visitas de Sarah Bernhardt ao Rio de Janeiro.



Figura 3 – Visitas de Sarah Bernhardt³⁸

Ainda sobre o teatro, a coleção *Nosso Século* marca o período de 1910 a 1930 com o seguinte título: "Teatro: a única arte ausente na Semana de 1922 está em compasso de espera. Só se salvam, atores e atrizes."³⁹

Além dos aspectos que a coleção traz em relação ao teatro, apresenta de forma interessante elementos relacionados às vicissitudes que foram enfrentadas pelas vanguardas. Em um box separado, destaca que Renato Viana junto com Vila-Lobos e Ronald de Carvalho fundaram um grupo cuja proposta era um teatro de síntese em que cenário, iluminação, música e a representação dos atores estariam integrados como um todo. A peça, *A Última Encarnação de Fausto*, apresentada

³⁸ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.228.

³⁹ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1910/1930 - Anos de Crise e Criação, 1980, p.251.

pelo grupo em 1923, foi duramente criticada pelo *Jornal do Commercio* que sugeriu a prisão de Renato Viana e Vila-Lobos, classificando-os como “dois loucos varridos”.⁴⁰

Como marca da amplitude de suas abordagens e da busca por aspectos relacionados não só às elites, mas também, aos acontecimentos do “*andar de baixo*”, tal como nomeou Vladimir Sacchetta, a coleção *Nosso Século* apresenta matérias sobre os Teatros Operários.

“Anarquista: Veja você, meu amigo, te resta apenas um meio para não ser explorado, nem oprimido: demonstrar coragem. Se os trabalhadores que são tão numerosos se opuserem com todas as suas forças aos patrões e governos (...) estaríamos bem próximos dos homens verdadeiramente livres. (Fala da peça *Uma Comédia Social*, representada por operários em São Paulo dos anos 10).”⁴¹

Segundo texto da coleção, assim como a elite cultivava o teatro e “as artes do espírito” em saraus de salão, os trabalhadores das fábricas promoviam “veladas operárias” nas noites de sábado.⁴² Essas “veladas” eram realizadas em sedes de associações operárias e constavam de teatro, música, conferências e danças. A questão operária, carestia, situação da mulher eram alguns dos assuntos discutidos, além da dramatização de textos sobre o cotidiano dos trabalhadores e seu papel na sociedade.

No período de 1930 a 1945, a coleção utiliza os seguintes títulos para retratar o teatro da época como sendo luxuosos, esnobes e suntuosos: “Luxo no palco e na plateia. O teatro é o laser esnobe das cidades.”; “Cenários suntuosos, revistas leves e digestivas, comédias ingênuas. É o panorama do teatro nacional à sombra dos musicais da Broadway.”⁴³

A ilustração abaixo reforça os sentidos dos títulos apresentados na *Nosso Século*. A coleção apresenta o teatro de revista como um espaço que mantinha as características do luxo e suntuosidade dos espetáculos da época, sendo a Revolução de 30 e Getúlio Vargas como temas abordados de forma recorrente e com marcas de ironia e sarcasmo.

⁴⁰ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1910/1930 - Anos de Crise e Criação, 1980, p.251.

⁴¹ Idem, p.94.

⁴² Ibidem, p.94.

⁴³ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era de Vargas, 1980, p.259 e p.260, respectivamente.



A Revolução de 30 foi um dos pratos mais suculentos do teatro de revista, sendo exaltada, com plumas e lantejoulas, no mesmo ano de sua ocorrência, em peças como *A Totoca Revoltou-se*, de Gastão Tojeiro, e *O Sangue Gaúcho*, de Abadie Faria Rosa. Getúlio Vargas era personagem constante nesse tipo de espetáculo, apresentado sempre “da maneira mais simpática (...), uma vez vestido de gaúcho, outra vez vestido de operário, de caçador, de revolucionário, de lavrador, de professor, de galo e até de motoneiro de bonde”. (Luís Iglésias.)

Figura 4 – Luxo e suntuosidade nos palcos⁴⁴

Outro exemplo da abordagem irônica da *Nosso Século*, é a apresentação da motivação que levou Joraci Camargo a escrever a peça *Deus lhe Pague*:

“Em 1930, em visita a São Paulo, o teatrólogo carioca, Joraci Camargo ficou intrigado com a quantidade de mendigos. Reconheceu alguns deles, lembrando-se de tê-los visto no Rio. E resolveu perguntar a um pedinte carioca o motivo de mudança para São Paulo. A resposta: “O Sr. General Manoel Rabelo [interventor em São Paulo], como bom positivista que é, baixou um decreto determinando que a polícia trate os mendigos com toda a urbanidade e lhes dispense toda a atenção e mesmo assistência! É um general ingênuo, ou talvez cumpra apenas os princípios de sua religião”. Em seguida, o mendigo afirmou que já havia acumulado uma fortuna, comovendo os transeuntes ao falar em fome. Joraci inspirou-se no fato para escrever uma peça especialmente para o ator Procópio Ferreira, que colaborou na sua feitura: *Deus lhe Pague*.”⁴⁵

Em 1948, nasce o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) a partir da Sociedade Brasileira de Comédia, uma entidade sem fins lucrativos que buscava congregar

⁴⁴ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era de Vargas, 1980, p.261.

⁴⁵ Idem, p.259.

grupos amadores de teatros. Segundo a *Nosso Século*, famosos atores e diretores estrangeiros foram convidados a participar do TBC, que contava com o apoio de empresários paulistas como Francisco Matarazzo e os banqueiros Adolfo Rheingantz e Paulo Assunção. Com um título que remete a esta relação, a *Nosso Século* afirma: “O dinheiro dos mecenas italianos transforma um velho casarão do Bexiga no TBC, teatro de elite.”⁴⁶

A abordagem ampla que a coleção traz em relação ao teatro pode ainda ser identificada com textos sobre a Escola de Arte Dramática, as Companhias estrangeiras, o Teatro de Comédia e o de Revista.

No período de 1960 a 1980, é destacada a proliferação dos chamados “grupos” que definiam-se pela “experimentação”, como o Grupo Teatro da Cidade que atuava no ABC paulista com a proposta de focalizar problemáticas específicas de sua região.⁴⁷ Exemplificam-se assim a busca da coleção em ampliar os horizontes de análise dos temas que abordava.

A música é tema frequente na coleção. Em relação ao período de 1900 a 1910, a *Nosso Século* menciona os estilos preferidos por diversas classes sociais:

“As toadas de violão, a modinha, o maxixe e a serenata eram a música do povo. Nos salões elegantes dançava-se valsa e polca, e cantavam-se árias de ópera. Somente nos ambientes de “gente mais esclarecida”, povoados de escritores e jornalistas, é que a modinha e a serenata faziam a sua aparição lamurienta e plangente.”⁴⁸

Como marco do uso de revistas como fonte de pesquisas pela coleção, podemos mencionar a citação de uma análise da revista *O Malho* a respeito do aparecimento do gramofone:

⁴⁶ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1945/1960 - A Era dos Partidos, 1980, p. 86. Fatos interessantes em relação ao TBC são citados pela coleção, tais como: “Em janeiro de 1950, o TBC encena *Entre Quatro Paredes*, de Jean-Paul Sartre, dirigida por Adolfo Celi, com Sergio Cardoso, Cacilda Becker e Nídia Lícia nos principais papéis. A peça é hostilizada pela Igreja, que proíbe os católicos de assisti-la.” Idem, p.85.

⁴⁷ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1960/1980 - Sob as Ordens de Brasília, 1980, p. 258.

⁴⁸ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bachareis, 1980, p.230.

“A difusão da música por todo o país foi apressada com o aparecimento do grammophone que a revista *O Malho* anunciava, em 1904, como “a maior novidade do século XX” e “o maior atrativo para as crianças.”⁴⁹

Ao refletir sobre a historicidade da cultura musical do período, a questão do maxixe, como dança proibida, é abordada na coleção de forma bastante singular, através da descrição do jornalista João Chagas (1897):

“Os pares enlaçam-se pelas pernas e pelos braços, apóiam-se pela testa num quanto possível gracioso movimento de marrar e, assim unidos, dão um tempo três passos para diante e três para trás, com lentidão. Súbito, circunvolvem (...) e vão avançando e retrocedendo, como a quererem possuir-se”.⁵⁰

O uso da iconografia, além de caricaturas, charges, desenhos e gravuras são uma marca de inovação da *Nosso Século*. Como definição de Elizabeth De Fiore, todas as imagens deveriam apresentar explicações e textos enxutos e sintéticos. A figura abaixo exemplifica a interação imagem x texto definida como premissa pela Diretora Editorial da coleção.



Figura 5 – Maxixe, a dança proibida⁵¹

⁴⁹ Coleção Nosso Século. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.231.

⁵⁰ Idem, p.230.

⁵¹ Ibidem, p.230.

O entusiasmo pelo samba, que surge a partir da década de 1920, marca a preocupação da coleção em abordar temas “populares”: “Nos morros e nas vilas, nasce a música das multidões.”⁵²

No período de 1930 a 1945, a coleção apresenta uma curta biografia dos principais nomes da canção brasileira. Pixinguinha, Dorival Caymmi, Ari Barroso, Assis Valente, Lamartine Babo, Ataulfo Alves e Herivelto Martins são considerados “uma constelação de astros que dá novos rumos à canção brasileira”.⁵³

Durante a década de 30, o rádio impulsionaria a propagação nacional da música popular, e especialmente, o samba. As transmissões para todo o Brasil, destacam artistas nacionais como Francisco Alves, Vicente Celestino, Mário Reis, Carmem Miranda, entre outros.

Os gêneros musicais diversificam: samba canção, samba-choro, samba de breque, o jongo, e a música sertaneja. Noel Rosa e suas obras primas são destaques que a coleção apresenta, considerando o artista como um grande compositor que buscava inspirações em temas do cotidiano carioca. Alguns trechos de sambas de Noel Rosa, que são colocados em destaque na introdução de capítulos, parecem indicar a busca da *Nosso Século* por uma maior diversidade de leitores:

“O samba, a prontidão e outras bossas,/ São coisas nossas... são coisas nossas.../ Baleiro, jornaleiro,/ Motorista, condutor e passageiro,/ Prestamista e vigarista.../ E o bonde que parece uma carroça.../ Coisa nossa... muito nossa...” (Noel Rosa, 1931)⁵⁴

O período dos anos de 1945 a 1960 traz a marca da ousadia quando a coleção *Nosso Século* apresenta o Hino da Juventude Transviada:

“Nós somos da juventude, Da juventude transviada, O lema da nossa escola, É a lambreta e a Coca Cola. Elvis é o nosso mestre, E Pat Boone, o nosso diretor. Na nossa primeira aula, Nós aprendemos o rock-and-roll”. (Hino da Juventude Transviada)⁵⁵

A bossa nova surgia no final dos anos 50, com João Gilberto que com um estilo intimista de cantar, contrastava com a música rebelde da época. A *Nosso*

⁵² Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era de Vargas, 1980, p.144.

⁵³ Idem, pp.148-149.

⁵⁴ Ibidem, p.144.

⁵⁵ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1945/1960 - A Era dos Partidos, 1980, p. 227.

Século apresenta essa fase da cultura musical no Brasil com um texto extenso e detalhado, afirmando que a maturidade do movimento bossa nova ocorre com uma viagem em novembro de 1962, de um grupo de compositores, músicos e cantores aos Estados Unidos para uma apresentação em Nova York. O sucesso foi imenso e João Gilberto, o grande astro.

O novo gênero musical expressava o gosto de uma parcela importante da população que era a juventude da classe média dos anos 50. Jovens universitários como Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Nara Leão, Chico Feitosa, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Alaíde Costa foram alguns dos nomes apontados pela coleção como representantes da bossa nova no Brasil.⁵⁶

A década de 60 é marcada pelos festivais de música popular, particularmente, em 1965, com o I Festival de Música Popular Brasileira, em São Paulo. Assim a *Nosso Século* destaca: “1965: abre-se a era dos festivais. Que cantam a poesia dos pescadores, dos camponeses, das pequenas cidades do Sertão. Surgem Chico Buarque e Geraldo Vandré.”⁵⁷

Apresentava seus principais nomes através da iconografia, uma das marcas de inovação da *Nosso Século*:



Figura 6 – O Fino da Bossa⁵⁸

⁵⁶ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1945/1960 - A Era dos Partidos, 1980, p.235.

⁵⁷ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1960/1980 - Sob as Ordens de Brasília, 1980, p. 104.

⁵⁸ Idem, p.105.

A *Nosso Século* abre a abordagem sobre a Literatura no início do século XX com a seguinte citação: “A inteligência brasileira entre a Europa dos sonhos e a sombra dos cafezais.”⁵⁹

A coleção destaca o florescimento do sentimento nacionalista no país e, assim como na música popular, nomes como Euclides da Cunha, José Veríssimo, Lima Barreto, Silvio Romero e João do Rio começaram a despontar com temas nacionais que se afastavam da ótica europeia. A euforia da vida literária acompanhava as transformações que ocorriam nas grandes cidades, com lojas, confeitarias e salões elegantes sendo frequentados por artistas e literatos. A Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis em 1897, oficializava a literatura.

Além de apresentar as diversas correntes literárias da época na poesia e na literatura, a *Nosso Século* aborda a questão do racismo em relação a grandes literatos como Machado de Assis e Lima Barreto. Segundo seu texto, a “superioridade” da raça branca era considerada princípio “científico” por muitos intelectuais, como Nina Rodrigues e Silvio Romero.⁶⁰

Apresentando trechos de obras de autores como Aluísio de Azevedo (*O cortiço*)⁶¹, Coelho Neto (*O Morto*), Machado de Assis (*Dom Casmurro*), Lima Barreto (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*), Alphonsus de Guimarães (*A Catedral*), e Olavo Bilac (*Profissão de Fé*)⁶², a *Nosso Século* apresenta conteúdos de interesse para diversos públicos contrapondo textos de erudição a uma literatura que incorporava uma linguagem menos coloquial.

Incorporando temas pouco usuais na discussão acadêmica, a *Nosso Século* cita questões que envolviam o ingresso de candidatos à Academia Brasileira de

⁵⁹ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.207.

⁶⁰ Idem, p.211.

⁶¹ Para contrapor com uma literatura mais erudita, trechos de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentia ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.” Ibidem, p.213.

⁶² A coleção apresenta a poesia parnasiana de Olavo Bilac, *Profissão de Fé*: “Invejo o ourives quando escrevo:/ Imito o amor/ Com que ele, em ouro, o alto-relevo/ Faz de uma flor./ Imito-o. E pois, nem de Carrara/ A pedra firo:/ O alvo cristal, a pedra rara./ O ônix prefiro./ (...) Torce, aprimora, alteia, lima/ A frase, e enfim,/ No verso de ouro engasta a rima./ Como um rubim./Quero que a estrofe cristalina,/ Dobrada ao jeito/ Do ourives, saia da oficina/ Sem um defeito:/ (...) Assim procedo. Minha pena/ Segue esta norma,/ Por te servir, Deusa serena,/ Serena Forma!”. Ibidem, p.213.

Letras como o general Dantas Barreto, cujas obras eram de pouca importância. Seus principais fundadores - Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Artur Azevedo e José do Patrocínio - já haviam falecido e os processos de admissão para a Academia passaram a ser facilitados.

Outro exemplo narrado pela coleção ocorre em 1912, quando pela primeira vez, surge um candidato que não tinha escrito um único livro. Era Lauro Müller. Para ser eleito, publicou em Paris um volume com seus discursos, que gerou apenas um folheto. Érico Veríssimo revoltado, renunciou ao cargo de secretário geral da Academia de Letras e rompeu com os “imortais”. Segundo texto na *Nosso Século*, as palavras do literato foram: “Deixemos que a Academia se faça à imagem da sociedade a que pertence”⁶³

Ao longo da coleção *Nosso Século*, encontramos assuntos que provavelmente teriam pouco espaço em outras publicações, sendo quando muito considerados como “pitorescos, ou “curiosidades”. Na coleção estes temas tem a função de dialogar com um público mais diversificado, despertando maior interesse para a publicação sem que isto signifique perda de rigor na pesquisa e no cuidado com as fontes.

A forma como o caso do assassinato do poeta Aníbal Teófilo, destacado no box abaixo, é um bom exemplo desta estratégia:



Figura 7 – O assassinato de Aníbal Teófilo⁶⁴

⁶³ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1910/1930 - Anos de Crise e Criação, 1980, p.180.

⁶⁴ Idem, p.180.

No período de 1930 a 1945, a referência que a *Nosso Século* faz aos romances proletários é um exemplo da visão de história que Vladimir Sacchetta apresenta como sendo uma marca de inovação da coleção. Várias obras são lançadas descrevendo a vida e a luta dos operários, além da miséria das cidades. Autores como Patrícia Galvão (*Parque Industrial*) e Juvêncio Campos (*O Gororoba*) publicavam seus romances através de pseudônimos em meio a possíveis perseguições do Estado Novo.⁶⁵

Após esse período, nomes como Fernando Sabino, Mário Palmério e Clarice Linspector surgem no campo literário. Guimarães Rosa, com o lançamento de *Grande Sertão: Veredas*, escrito em 1956, é o grande marco do período, trazendo a temática regional em suas obras literárias.

3.3. O mundo da mulher

O mundo da mulher surge como outro tema apresentado pela *Nosso Século*. Ao longo de sua abordagem, ao mesmo tempo que apresenta a visão tradicional da mulher na sociedade patriarcal, contrapõe com exemplos do protagonismo da mulher feminista, operária, trabalhadora, anarquista mostrando o avanço das mulheres para além do ambiente da família.

“Uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita de goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar.” (Charles Expilly, cronista francês)⁶⁶

Assim a *Nosso Século* apresenta o pensamento sobre a mulher do início do século XX. O altruísmo era uma característica da esposa e mãe. Sua preocupação e principal missão era apenas uma: “fazer os grandes homens”. A coleção escolhe de forma objetiva e clara os títulos de seus capítulos para apresentar as características que marcavam a sociedade patriarcal em relação às mulheres: “Rainha do Lar, súdita do homem, escrava da moda.”; “Ela não produz as grandes obras, mas forma os grandes homens: é a senhora mãe, digníssima esposa, embaixatriz da família”;

⁶⁵ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era Vargas, 1980, p.166.

⁶⁶ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p. 112.

“Temos a grata honra de comunicar a parentes e amigos o contrato de casamento de nossos filhos”.⁶⁷

Ao mesmo tempo, a coleção apresenta aos leitores exemplos de personagens femininas cujas atividades extrapolavam os limites do lar: Julia Lopes de Almeida (escritora), Suzana Casterá (cortesã) e Laurinda Santos Lobo (diva dos salões), muitas delas sofrendo forte discriminação social.



Figura 8 – Personagens femininas do início do século XX⁶⁸

O acelerado desenvolvimento urbano, da imprensa e do cinema traziam novos padrões em relação a mulher a partir de 1910, conforme texto da *Nosso Século*. Para retratar as marcas dessa época, faz uso intenso da iconografia, com fotos, gravuras, desenhos, reprodução de revistas como a *Fon-Fon*, charges e anúncios como: “Para tingir os cabelos só usar Menelik. Garantido inofensivo. Caixa completa 10\$. Pelo correio, 12\$.”⁶⁹

⁶⁷ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.112, p.115 e p.120, respectivamente.

⁶⁸ Idem, p. 114.

⁶⁹ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1910/1930 - Anos de Crise e Criação, 1980, p.104.

Conforme Vladimir Sacchetta salientou, a coleção apresenta aspectos relativos a várias questões que estavam na sociedade. Como exemplo, ela aborda em box destacado, a questão das mulheres operárias que dedicavam-se aos trabalhos fora de casa. Com texto específico, a *Nosso Século* narra as reivindicações por melhores condições de trabalho, jornadas e salários, bem como a participação feminina nas manifestações operárias da época.⁷⁰

Como exemplo da abordagem em relação a questão feminina, a *Nosso Século* apresenta várias citações da feminista e anarquista Maria Lacerda de Moura, como:

“A mulher tem sido sempre enganada miseravelmente. (...) Rica ou pobre, culta ou ignorante, por toda a parte a vida da mulher é o mesmo calvário silencioso e anônimo que os homens não compreendem porque o egoísmo masculino foi cultivado pela escravidão feminina.”⁷¹

O pioneirismo de algumas mulheres como Anita Malfati (pintora), Cecília Meireles (escritora) e Maria José Rebelo (primeira diplomata) são exemplos de como a mulher avançava para além do ambiente do lar.⁷²

Confirmando o uso criativo de títulos, a *Nosso Século* mostra a evolução da participação da mulher na sociedade: “ Usando farda, fazendo política, fumando. Eis a nova mulher!”⁷³

Com o crescente desenvolvimento industrial e urbanização, a participação da mulher na sociedade avança em atividades como professoras, enfermeiras, empregadas do comércio, datilógrafas, funcionárias públicas e telefonistas. Em relação a outros campos de atuação, a coleção não apresenta informações mas destaca a existência de grupos conservadores que discordam da participação da mulher na vida pública. A *Nosso Século* ressalta que a participação política das mulheres também se intensifica:

“A participação política das mulheres se intensifica e elas se organizam para apoiar movimentos como as revoluções de 30 e 32. Com o direito de votar e ser votadas, surgem líderes como, Generosa Amélia da Cruz, que, em 1936, se tornou prefeita de Santana do Cariri, cidade do Ceará. Nas grandes cidades, a

⁷⁰ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1910/1930 - Anos de Crise e Criação, 1980, p.110.

⁷¹ Idem, p.103.

⁷² Ibidem, p.114.

⁷³ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era de Vargas, 1980, p.98.

liberação dos costumes acena com a possibilidade de as mulheres serem donas de seus destinos.”⁷⁴

Seguindo as diretrizes de Elizabeth De Fiore, notas de rodapé que aparecem em toda a obra, trazem informações relevantes e sucintas. Como exemplo, citação em relação à vanguarda feminina:

“Como nos filmes americanos, o “belo sexo” nacional passa a praticar esportes. Em 1932, a nadadora Maria Lenk inaugura a presença da mulher brasileira nas Olimpíadas, que se repetirá em 1936 com outra nadadora, Piedade Coutinho. As mulheres passam a frequentar também ambientes fechados, como os cassinos, antes exclusivos dos homens. “As boites substituíram os cabarés, onde as famílias não entravam (...) e a alegria desses locais [boites] contrasta com a atmosfera cerimoniosa dos antigos salões.” (Carolina Nabuco) E a moda dos banhos de praia ou de piscina começa a formar um novo padrão de beleza: a pele bronzeada.”⁷⁵

Questionar de forma irônica a sociedade machista do pós-guerra em relação às mulheres era uma marca da *Nosso Século*. Exemplos são encontrados em notas de rodapé e títulos de textos:

“Da vigilância paterna à do marido: sonho, romance e devaneio fazem o pequeno mundo da “moça casadoira”.⁷⁶

“ Nos planos do conquistador, “boazudas” para “rosetar” e ingênuas para noivar: É o império do “machão”.⁷⁷

““Como você julgaria uma mulher que cedeu, querendo resistir, Por um Momento de Amor?” Essa propaganda de livro define bem os valores morais (castidade, casamento, fidelidade) que norteavam a vida da “mulher direita”, nos anos 50. O sexo antes (ou fora) do casamento era o grande tabu.”⁷⁸

Assuntos de interesse do público feminino são abordados pela coleção como o uso do bambolê, uma das “coqueluches” dos anos 50. Com um aro de plástico que faziam girar na cintura, as meninas com tendência a engordar emagreciam “bamboleando”.

⁷⁴ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1930/1945 - A Era de Vargas, 1980, p.98.

⁷⁵ Idem, p.100.

⁷⁶ Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1945/1960 - A Era dos Partidos, 1980, p.138.

⁷⁷ Idem, p.140.

⁷⁸ Ibidem, p.138.

Além da inovação em seu conteúdo, a coleção *Nosso Século* traz novidades em sua forma de apresentar a História do Brasil do século XX. Além da iconografia, grande marca da obra, a audiografia (sons), dados estatísticos e cronologias fazem parte do seu pioneirismo, temas abordados a seguir.

4. *Nosso Século* – a inovação em sua forma e uso das fontes

“*Nosso Século* reúne as mais importantes informações em uma festa visual que reforça o prazer de saber, empolgando o leitor-expectador.”⁷⁹

A produção da coleção *Nosso Século* buscou incorporar outras formas de contar nossa história através de imagens, audiografias (sons), dados estatísticos e cronologias. De acordo com Victor Civita, muitos anos de pesquisa foram necessários para a elaboração da coleção que contaria a História do Brasil no século XX. Em suas palavras:

“Foram cinco anos de pesquisa em todo o Brasil, selecionando mais de cem mil fotos e documentos, entrevistando dezenas de protagonistas e observadores da vida e da história, pesquisando fatos esquecidos e lugares remotos... Graças à boa vontade e à inestimável contribuição de numerosas famílias, museus, universidades, bibliotecas, arquivos de jornal, **cremos ter atingido o nosso alvo: a história viva.**”(grifo meu)⁸⁰

Segundo Elizabeth De Fiore, para a publicação da coleção em 1980, foram em torno de três anos coletando material, tendo início em 1978. As imagens eram a grande marca da coleção, tendo Vladimir Sacchetta e Paulo Cesar Azevedo muito envolvidos na questão da pesquisa iconográfica. Nas palavras de Elizabeth: “O Vladimir é 900% dessa pesquisa. Ele foi formidável.”

4.1. Fontes

O uso da iconografia era uma das grandes marcas de inovação definidos para a *Nosso Século*. Sem dúvida, havia um cuidado muito grande por parte da equipe da coleção para que as imagens e os textos dialogassem, se completassem. Vladimir Sachetta salienta que acaba por aprender e desenvolver a técnica de contar a história

⁷⁹ Carta do Editor. **Coleção *Nosso Século***. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p.V.

⁸⁰ Idem, p.V.

através de imagens, em função da coleção ter como objetivo ser uma história visual do século XX do Brasil. Em suas palavras:

“(...) Eu aprendi aí e desenvolvi essa técnica de contar história através de imagens, que é um diálogo muito estreito entre imagem e texto. Você lê o texto e vê a imagem, você lê a imagem e lê o texto. Eles se completam. Uma foto, uma reprodução de uma foto da Revista Ilustrada do começo do século vira fonte histórica. Abre caminho para uma pesquisa, vamos chamar alternativa.”

Em relação às fontes e arquivos pesquisados, Vladimir Sachetta revela que trabalhavam com a Biblioteca Nacional, Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, Museu da República, no Rio, entre outras. Nessa busca por imagens, muitas vezes encontravam materiais inéditos, que acabavam alimentando e definindo outros assuntos desenvolvidos na *Nosso Século*. Era de fundamental importância a pesquisa de campo realizada por Vladimir Sacchetta e Paulo Cesar Azevedo pois, apesar das pautas serem decididas previamente pela equipe da *Nosso Século*, havia uma flexibilidade no sentido de serem alteradas e/ou incorporadas novas abordagens.

“(...) A flexibilidade da pauta era tanta que às vezes a iconografia determinava a pauta e quando a pauta deveria determinar a iconografia vinha um sentido inverso. Era uma retroalimentação da pauta pela pesquisa de campo... A gente achou, por exemplo, o Arquivo do DIP, que hoje está no Arquivo Nacional...mas a gente achou enfiado na Agência Nacional dentro de um armário...”

Além de arquivos públicos, acervos particulares também foram utilizados pela *Nosso Século*. Inicialmente, segundo Elizabeth De Fiore, foi feita campanha de anúncios, pedindo às famílias para resgatarem os “baús da vovó”, buscando fotos e documentos, porém, sem muito sucesso. O segundo passo, teria sido listar o nome de famílias e de ruas para identificar as elites do país, pois acreditavam que as famílias mais ricas é que deveriam ter acervos de documentos. “(...) Quem era a elite? Porque a elite tem foto. Muito mais que o povão. Então, essa foi uma segunda parte da pesquisa.”

Em sua memória, Vladimir Sacchetta complementa que buscavam identificar arquivos que estavam guardados ou perdidos pelas famílias em função dos falecimentos e passagens das gerações. Após a publicação do primeiro fascículo, muitos acervos iconográficos foram espontaneamente sendo oferecidos e, outros,

sendo encontrados, eram adquiridos pela Abril Cultural para serem utilizados na *Nosso Século*.

Em termos quantitativos, o material iconográfico encontrado pelos pesquisadores foi muito significativo. Conforme informação de Vladimir Sacchetta, foram “milhares e milhares”, o que nos dá ideia da dimensão da pesquisa que foi desenvolvida para a publicação da coleção *Nosso Século*.

A análise da coleção nos confirma a preocupação quanto ao registro, em cada volume da obra, das fontes de pesquisa do material iconográfico incorporado na *Nosso Século*. A apresentação dos créditos das ilustrações, nos permite considerar que a coleção é uma fonte de memória na medida que não só integram os textos mas, também, passam a ser fonte de referência para outras pesquisas históricas. Nas palavras de Elizabeth De Fiore, essa preocupação já existia desde o início de seus trabalhos com as primeiras coleções, o que não se mostrou diferente com a *Nosso Século*: “Eu me lembro que eu fiz questão de colocar os créditos inteiros em todas as imagens, dizendo quem fez, onde está, de quem veio.”

Creditos das ilustrações

As letras ao lado dos autores das páginas indicam a fonte da ilustração ou página, da seguinte forma: a direita e de cima para baixo.

Albino, São, Foto Manoel-Carvalho do Sul-25 (17279), *Revista Feminina*, setembro/1925 (1844), 134, 135, 136, 137-138, 139a, 139b, 140a, 140b, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

(1265), Foto Augusto Malta (1340), 214a, 214b, 214c, 214d, 214e, 214f, 214g, 214h, 214i, 214j, 214k, 214l, 214m, 214n, 214o, 214p, 214q, 214r, 214s, 214t, 214u, 214v, 214w, 214x, 214y, 214z, 215a, 215b, 215c, 215d, 215e, 215f, 215g, 215h, 215i, 215j, 215k, 215l, 215m, 215n, 215o, 215p, 215q, 215r, 215s, 215t, 215u, 215v, 215w, 215x, 215y, 215z, 216a, 216b, 216c, 216d, 216e, 216f, 216g, 216h, 216i, 216j, 216k, 216l, 216m, 216n, 216o, 216p, 216q, 216r, 216s, 216t, 216u, 216v, 216w, 216x, 216y, 216z, 217a, 217b, 217c, 217d, 217e, 217f, 217g, 217h, 217i, 217j, 217k, 217l, 217m, 217n, 217o, 217p, 217q, 217r, 217s, 217t, 217u, 217v, 217w, 217x, 217y, 217z, 218a, 218b, 218c, 218d, 218e, 218f, 218g, 218h, 218i, 218j, 218k, 218l, 218m, 218n, 218o, 218p, 218q, 218r, 218s, 218t, 218u, 218v, 218w, 218x, 218y, 218z, 219a, 219b, 219c, 219d, 219e, 219f, 219g, 219h, 219i, 219j, 219k, 219l, 219m, 219n, 219o, 219p, 219q, 219r, 219s, 219t, 219u, 219v, 219w, 219x, 219y, 219z, 220a, 220b, 220c, 220d, 220e, 220f, 220g, 220h, 220i, 220j, 220k, 220l, 220m, 220n, 220o, 220p, 220q, 220r, 220s, 220t, 220u, 220v, 220w, 220x, 220y, 220z, 221a, 221b, 221c, 221d, 221e, 221f, 221g, 221h, 221i, 221j, 221k, 221l, 221m, 221n, 221o, 221p, 221q, 221r, 221s, 221t, 221u, 221v, 221w, 221x, 221y, 221z, 222a, 222b, 222c, 222d, 222e, 222f, 222g, 222h, 222i, 222j, 222k, 222l, 222m, 222n, 222o, 222p, 222q, 222r, 222s, 222t, 222u, 222v, 222w, 222x, 222y, 222z, 223a, 223b, 223c, 223d, 223e, 223f, 223g, 223h, 223i, 223j, 223k, 223l, 223m, 223n, 223o, 223p, 223q, 223r, 223s, 223t, 223u, 223v, 223w, 223x, 223y, 223z, 224a, 224b, 224c, 224d, 224e, 224f, 224g, 224h, 224i, 224j, 224k, 224l, 224m, 224n, 224o, 224p, 224q, 224r, 224s, 224t, 224u, 224v, 224w, 224x, 224y, 224z, 225a, 225b, 225c, 225d, 225e, 225f, 225g, 225h, 225i, 225j, 225k, 225l, 225m, 225n, 225o, 225p, 225q, 225r, 225s, 225t, 225u, 225v, 225w, 225x, 225y, 225z, 226a, 226b, 226c, 226d, 226e, 226f, 226g, 226h, 226i, 226j, 226k, 226l, 226m, 226n, 226o, 226p, 226q, 226r, 226s, 226t, 226u, 226v, 226w, 226x, 226y, 226z, 227a, 227b, 227c, 227d, 227e, 227f, 227g, 227h, 227i, 227j, 227k, 227l, 227m, 227n, 227o, 227p, 227q, 227r, 227s, 227t, 227u, 227v, 227w, 227x, 227y, 227z, 228a, 228b, 228c, 228d, 228e, 228f, 228g, 228h, 228i, 228j, 228k, 228l, 228m, 228n, 228o, 228p, 228q, 228r, 228s, 228t, 228u, 228v, 228w, 228x, 228y, 228z, 229a, 229b, 229c, 229d, 229e, 229f, 229g, 229h, 229i, 229j, 229k, 229l, 229m, 229n, 229o, 229p, 229q, 229r, 229s, 229t, 229u, 229v, 229w, 229x, 229y, 229z, 230a, 230b, 230c, 230d, 230e, 230f, 230g, 230h, 230i, 230j, 230k, 230l, 230m, 230n, 230o, 230p, 230q, 230r, 230s, 230t, 230u, 230v, 230w, 230x, 230y, 230z, 231a, 231b, 231c, 231d, 231e, 231f, 231g, 231h, 231i, 231j, 231k, 231l, 231m, 231n, 231o, 231p, 231q, 231r, 231s, 231t, 231u, 231v, 231w, 231x, 231y, 231z, 232a, 232b, 232c, 232d, 232e, 232f, 232g, 232h, 232i, 232j, 232k, 232l, 232m, 232n, 232o, 232p, 232q, 232r, 232s, 232t, 232u, 232v, 232w, 232x, 232y, 232z, 233a, 233b, 233c, 233d, 233e, 233f, 233g, 233h, 233i, 233j, 233k, 233l, 233m, 233n, 233o, 233p, 233q, 233r, 233s, 233t, 233u, 233v, 233w, 233x, 233y, 233z, 234a, 234b, 234c, 234d, 234e, 234f, 234g, 234h, 234i, 234j, 234k, 234l, 234m, 234n, 234o, 234p, 234q, 234r, 234s, 234t, 234u, 234v, 234w, 234x, 234y, 234z, 235a, 235b, 235c, 235d, 235e, 235f, 235g, 235h, 235i, 235j, 235k, 235l, 235m, 235n, 235o, 235p, 235q, 235r, 235s, 235t, 235u, 235v, 235w, 235x, 235y, 235z, 236a, 236b, 236c, 236d, 236e, 236f, 236g, 236h, 236i, 236j, 236k, 236l, 236m, 236n, 236o, 236p, 236q, 236r, 236s, 236t, 236u, 236v, 236w, 236x, 236y, 236z, 237a, 237b, 237c, 237d, 237e, 237f, 237g, 237h, 237i, 237j, 237k, 237l, 237m, 237n, 237o, 237p, 237q, 237r, 237s, 237t, 237u, 237v, 237w, 237x, 237y, 237z, 238a, 238b, 238c, 238d, 238e, 238f, 238g, 238h, 238i, 238j, 238k, 238l, 238m, 238n, 238o, 238p, 238q, 238r, 238s, 238t, 238u, 238v, 238w, 238x, 238y, 238z, 239a, 239b, 239c, 239d, 239e, 239f, 239g, 239h, 239i, 239j, 239k, 239l, 239m, 239n, 239o, 239p, 239q, 239r, 239s, 239t, 239u, 239v, 239w, 239x, 239y, 239z, 240a, 240b, 240c, 240d, 240e, 240f, 240g, 240h, 240i, 240j, 240k, 240l, 240m, 240n, 240o, 240p, 240q, 240r, 240s, 240t, 240u, 240v, 240w, 240x, 240y, 240z, 241a, 241b, 241c, 241d, 241e, 241f, 241g, 241h, 241i, 241j, 241k, 241l, 241m, 241n, 241o, 241p, 241q, 241r, 241s, 241t, 241u, 241v, 241w, 241x, 241y, 241z, 242a, 242b, 242c, 242d, 242e, 242f, 242g, 242h, 242i, 242j, 242k, 242l, 242m, 242n, 242o, 242p, 242q, 242r, 242s, 242t, 242u, 242v, 242w, 242x, 242y, 242z, 243a, 243b, 243c, 243d, 243e, 243f, 243g, 243h, 243i, 243j, 243k, 243l, 243m, 243n, 243o, 243p, 243q, 243r, 243s, 243t, 243u, 243v, 243w, 243x, 243y, 243z, 244a, 244b, 244c, 244d, 244e, 244f, 244g, 244h, 244i, 244j, 244k, 244l, 244m, 244n, 244o, 244p, 244q, 244r, 244s, 244t, 244u, 244v, 244w, 244x, 244y, 244z, 245a, 245b, 245c, 245d, 245e, 245f, 245g, 245h, 245i, 245j, 245k, 245l, 245m, 245n, 245o, 245p, 245q, 245r, 245s, 245t, 245u, 245v, 245w, 245x, 245y, 245z, 246a, 246b, 246c, 246d, 246e, 246f, 246g, 246h, 246i, 246j, 246k, 246l, 246m, 246n, 246o, 246p, 246q, 246r, 246s, 246t, 246u, 246v, 246w, 246x, 246y, 246z, 247a, 247b, 247c, 247d, 247e, 247f, 247g, 247h, 247i, 247j, 247k, 247l, 247m, 247n, 247o, 247p, 247q, 247r, 247s, 247t, 247u, 247v, 247w, 247x, 247y, 247z, 248a, 248b, 248c, 248d, 248e, 248f, 248g, 248h, 248i, 248j, 248k, 248l, 248m, 248n, 248o, 248p, 248q, 248r, 248s, 248t, 248u, 248v, 248w, 248x, 248y, 248z, 249a, 249b, 249c, 249d, 249e, 249f, 249g, 249h, 249i, 249j, 249k, 249l, 249m, 249n, 249o, 249p, 249q, 249r, 249s, 249t, 249u, 249v, 249w, 249x, 249y, 249z, 250a, 250b, 250c, 250d, 250e, 250f, 250g, 250h, 250i, 250j, 250k, 250l, 250m, 250n, 250o, 250p, 250q, 250r, 250s, 250t, 250u, 250v, 250w, 250x, 250y, 250z, 251a, 251b, 251c, 251d, 251e, 251f, 251g, 251h, 251i, 251j, 251k, 251l, 251m, 251n, 251o, 251p, 251q, 251r, 251s, 251t, 251u, 251v, 251w, 251x, 251y, 251z, 252a, 252b, 252c, 252d, 252e, 252f, 252g, 252h, 252i, 252j, 252k, 252l, 252m, 252n, 252o, 252p, 252q, 252r, 252s, 252t, 252u, 252v, 252w, 252x, 252y, 252z, 253a, 253b, 253c, 253d, 253e, 253f, 253g, 253h, 253i, 253j, 253k, 253l, 253m, 253n, 253o, 253p, 253q, 253r, 253s, 253t, 253u, 253v, 253w, 253x, 253y, 253z, 254a, 254b, 254c, 254d, 254e, 254f, 254g, 254h, 254i, 254j, 254k, 254l, 254m, 254n, 254o, 254p, 254q, 254r, 254s, 254t, 254u, 254v, 254w, 254x, 254y, 254z, 255a, 255b, 255c, 255d, 255e, 255f, 255g, 255h, 255i, 255j, 255k, 255l, 255m, 255n, 255o, 255p, 255q, 255r, 255s, 255t, 255u, 255v, 255w, 255x, 255y, 255z, 256a, 256b, 256c, 256d, 256e, 256f, 256g, 256h, 256i, 256j, 256k, 256l, 256m, 256n, 256o, 256p, 256q, 256r, 256s, 256t, 256u, 256v, 256w, 256x, 256y, 256z, 257a, 257b, 257c, 257d, 257e, 257f, 257g, 257h, 257i, 257j, 257k, 257l, 257m, 257n, 257o, 257p, 257q, 257r, 257s, 257t, 257u, 257v, 257w, 257x, 257y, 257z, 258a, 258b, 258c, 258d, 258e, 258f, 258g, 258h, 258i, 258j, 258k, 258l, 258m, 258n, 258o, 258p, 258q, 258r, 258s, 258t, 258u, 258v, 258w, 258x, 258y, 258z, 259a, 259b, 259c, 259d, 259e, 259f, 259g, 259h, 259i, 259j, 259k, 259l, 259m, 259n, 259o, 259p, 259q, 259r, 259s, 259t, 259u, 259v, 259w, 259x, 259y, 259z, 260a, 260b, 260c, 260d, 260e, 260f, 260g, 260h, 260i, 260j, 260k, 260l, 260m, 260n, 260o, 260p, 260q, 260r, 260s, 260t, 260u, 260v, 260w, 260x, 260y, 260z, 261a, 261b, 261c, 261d, 261e, 261f, 261g, 261h

Sobre a relação entre textos e imagens, Elizabeth De Fiore salienta que uma das premissas da coleção *Nosso Século*, desde o início de sua concepção, era que o conteúdo das citações, textos, inserções de imagens e legendas estivessem sempre articulados, relacionados. Havia a ideia de que os textos fossem consistentes e informativos. A pauta do capítulo e os textos direcionavam onde iriam ser inseridos o material iconográfico conseguido pelo pessoal de pesquisa. Em suas palavras:

“(...) a ideia de ter textos absolutamente consistentes e informativos interessantes e não informação enciclopédia A a Z. Não é para contar tudo porque não dá. Tudo tem que selecionar. A ideia de ter imagens que cristalizam um pouco, concretizam um pouco o que o texto está falando...”

Como exemplo, Elizabeth De Fiore cita o texto sobre as Ligas Camponesas e seu líder Francisco Julião, cujo título apresentado na coleção era a “Reforma agrária, na lei ou na marra” e as imagens publicadas, na mesma página, com o líder dos trabalhadores rurais na campanha “Um Trator para as Ligas Camponesas” e no Congresso dos Trabalhadores Agrícolas (1961) ao lado de Tancredo Neves, João Goulart, Arnaldo Cerdeira e Magalhães Pinto.



Figura 10 – Ligas camponesas: texto e imagens⁸²

⁸² Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol.1960/1980 – Sob as Ordens de Brasília, 1980, p.35.

O texto apresentava um panorama do crescimento das Ligas Camponesas pelo país em 1962, o aumento das ocupações de terras, o recrudescimento da violência dos donos de terras e a repressão ao movimento. Como ela mesma diz, as imagens acabam concretizando o texto apresentado na coleção.

A coleção apresenta outros elementos que reforçam as marcas de sua singularidade e inovação. Se o uso da iconografia buscava “cristalizar e dar consistência” aos textos da *Nosso Século*, o recurso da audiografia, o uso de sons, reforçava essa concretude que a coleção buscava ter como marco. Uma coletânea com trechos de discursos, jingles, músicas, trechos de programas de rádio e propagandas, que marcaram o período de 1900 a 1980, foram gravados em um LP (Long Playing) para que o leitor vivenciasse ainda mais cada período do século XX.

O disco LP - *Documentos Sonoros* - segundo Vladimir Sacchetta, teria sido um artifício de marketing para manter as vendas dos fascículos da coleção em alta e garantir o retorno do investimento que a editora estava fazendo na publicação da obra. De qualquer forma, era também uma inovação, pois trazia o som e a iconografia juntos na mesma obra. Na verdade, a *Nosso Século* apresenta texto, imagem e som, uma obra multimídia, marca pioneira de uma produção histórica nos anos de 1980.

Segundo Vladimir Sacchetta, foi uma produção de Elizabeth De Fiore, Maurício Quadrio e dele, gravado pela Abril Cultural. Em uma época que não havia edição, a elaboração do disco teve um processo de produção bastante delicado. Nas palavras de Vladimir Sacchetta:

“(...) teve que cortar cada pedacinho daquele, achar os fonogramas, achar vozes, filtrar de alguma forma... A gente trabalhou em um estúdio, El Dourado... Você acompanhava um técnico, com gilete e durex... o cara cortava pedacinho, colocava um pedaço aqui, outro ali... Eu falava: Isso não vai dar certo. E dava certo”.

Vladimir Sacchetta afirma que, apesar do LP ter sido um produto oferecido com objetivos comerciais, o intuito ia muito além disso, pois ao contrário de entregar um calendário, um peso de papel ou um cinzeiro, estava sendo fornecido um disco com jingles, músicas e discursos importantes, políticos, que foram selecionados cuidadosamente para contar a História do Brasil do século XX. Nas palavras de Vladimir Sacchetta: “**É uma memória sonora do país no período.** (grifo meu)”

Dessa forma, a marca de ousadia da coleção novamente se faz presente através das escolhas que a equipe fez do conteúdo que faria parte do disco *Documentos Sonoros*. Segundo Vladimir Sacchetta:

“(...) Tem coisas muito interessantes. Há sátiras, a vaquinha e o ranchinho, programa da Rádio nacional. Acho que o último fonograma do lado b é a Elis Regina cantando o *Bêbado e a Equilibrista*. Você quer mais ousadia do que isso?”

O trecho selecionado e apresentado no LP referente a música de Elis Regina, *O Bêbado e a Equilibrista* (1979) deixa claro o objetivo de mostrar, assim como em toda a obra, um rigor no uso das fontes e o respeito aos fatos históricos que marcaram a História do Brasil. A escolha de músicas que faziam críticas à ditadura militar que ainda havia no Brasil no ano da publicação da coleção era ousada e mostra que havia uma tensão nesse contexto dos anos de 1980.⁸³ O trecho da canção de Elis Regina é um exemplo dessa ousadia: “Meu Brasil!! Que sonha com a volta do irmão Henfil. Com tanta gente que partiu. Num rabo de foguete. Chora...”⁸⁴

Elizabeth De Fiore complementa as ideias de Vladimir Sacchetta em relação a importância do LP *Documentos Sonoros* ter sido oferecido aos leitores como complemento da coleção *Nosso Século* afirmando que:

“(...) os discursos, os anúncios, tudo isso são realidades de cada época. Está certo? Então são documentos sonoros. Eu me lembro que me impressionou muito um pedaço do discurso do Barão do Rio Branco, com um sotaque português. No Rio a colônia portuguesa era enorme, fortíssima. Eu falei: - Puxa vida! Olha aqui! Quem imaginaria que em 1900, não me lembro se é 1 ou 2, se falasse um português tão lusitano no Brasil. (...) Tinha música da campanha de Jânio, coisas que marcaram uma época e que a gente tinha acesso, foi colocado lá.(grifo meu)”⁸⁵

⁸³ A análise desse assunto não será discutida na presente monografia, sendo explorada em pesquisas posteriores.

⁸⁴ Canção *O Bêbado e a Equilibrista*, autoria de João Bosco e Aldir Blanc, intérprete Elis Regina, 1979. Os trechos do LP foram tirados de uma reprodução no site: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI03500 e transcritas pela autora desta monografia.

⁸⁵ Discurso do Barão De Rio Branco: “(...) Quando, pelo trabalho de anos, e muitos anos, pela nobre e fecunda emulação no caminho de todos os progressos morais e materiais, tiverem conseguido igualar em poder e riqueza a nossa grande irmã do norte e as mais adiantadas nações da Europa, terá chegado então a oportunidade de pensarem, algum ou alguns deles, em entregar-se...” (20/04/1909).

Além do texto citado do Barão De Rio Branco, outros trechos de discursos políticos e passagens que marcaram momentos emblemáticos da História do Brasil são apresentados no LP *Documentos Sonoros*, como: Discurso de Getúlio Vargas anunciando o Estado Novo (10/11/1937)⁸⁶; Discurso de João Goulart na Central do Brasil onde defendeu as reformas de base propostas pelo seu governo (13/03/1964)⁸⁷ e a Leitura do AI-5 (13/12/1968). Em relação a esse discurso, o trecho selecionado:

“Após ter ouvido os membros do Conselho de Segurança Nacional, resolveu baixar um ato institucional, que tem como finalidade fundamental, preservar a Revolução de março de 1964, a fim de que possamos saneando esse clima de intranquilidade, que gera a desconfiança, o desconforto...”

Outros trechos de discursos selecionados pela equipe da *Nosso Século* e que fazem parte do LP *Documentos Sonoros* deixam claro momentos de tensão que fizeram parte da nossa História: Depoimento de Lutero Vargas sobre o Atentado contra Carlos Lacerda (13/08/1954)⁸⁸; Discurso de Luís Carlos Prestes na Associação Brasileira de Imprensa – ABI (17/03/1964)⁸⁹ e o Discurso de Carlos Lacerda no Palácio Guanabara (31/03/1964). Este último apresenta o seguinte trecho:

“Almirante Aragão! Almirante Aragão! Assassino, monstruoso! Incestuoso miserável. Almirante Aragão, não se aproxime porque eu te mato com o meu revólver!

⁸⁶ Discurso de Getúlio Vargas anunciando o Estado Novo: “Quando as competições políticas ameaçam degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo, apenas, como abstração.” (10/11/1937)

⁸⁷ Discurso de João Goulart na Central do Brasil onde defendeu as reformas de base propostas pelo seu governo: “Estejam tranquilos que dentro em breve esse decreto será uma realidade. E a realidade há de ser também a rigorosa e implacável fiscalização para que seja cumprido o decreto...” (13/03/1964)

⁸⁸ Depoimento de Lutero Vargas sobre o Atentado contra Carlos Lacerda : “Nesta hora em que a insânia de maus brasileiros, trabalhados por ódios pessoais e mesquinhos, procura envolver o meu nome numa trama engendrada e por eles próprios urdida, venho diante da opinião pública denunciar essas manobras...” (13/08/1954)

⁸⁹ Discurso de Luís Carlos Prestes na ABI: “(...) Aquele comício que foi, sem dúvida alguma, do povo, dos trabalhadores, dos patriotas e democratas unidos em ação, vieram para a rua para dizer o que querem, para expor os seus pontos de vista e para, particularmente, perguntar ao presidente da República se está disposto a colocar-se à frente do processo democrático e revolucionário que avança.” (17/03/1964)

Em relação aos jingles apresentados pelo LP, alguns exemplos que marcaram a época são apresentados pelo LP *Documentos Sonoros*: “Pílulas de vida do Dr. Ross fazem bem ao fígado de todos nós”; “Amazonas vai secar. Ceará não vai chover. São Paulo vai parar. Se Adhemar não se eleger...” e “ Amigo ouvinte, aqui fala o repórter Esso, testemunha ocular da história.”⁹⁰

Embora fosse uma ferramenta de marketing para segurar as curvas de vendas, é possível perceber que as premissas e orientações de pauta definidas para a coleção são atendidas e encontradas também no LP *Documentos Sonoros*, entre elas, criatividade, atratividade, ousadia, conteúdos articulados a diferentes tipos de leitores e, principalmente, a visão de História. Sobre esse aspecto, Vladimir Sacchetta ressalta que:

“(...) aquilo lá não fazia parte de uma estratégia de educação do leitor. Era uma peça publicitária, vamos chamar assim, que se tornava **um conteúdo de natureza histórica**. Não vamos ter ilusões quanto a isso” Que o ouvinte vai se sensibilizar com aquilo, vai, com certeza! (grifo meu).”

Exemplo disso, alguns trechos de músicas que marcaram épocas e que foram escolhidas para serem gravadas no LP: “Taí, eu fiz tudo p’rá você gostar de mim. Ah! meu bem, não faz assim comigo não! Você tem que me dar seu coração!” e “Apesar de você. Amanhã a de ser. Outro dia. Você vai se dar mal. Etc. e tal. Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá...”⁹¹

⁹⁰ Jingle relacionado às Pílulas do Dr. Ross (1945); Jingle eleitoral de Adhemar de Barros (1955) e Jingle do Repórter Esso (1954), respectivamente. Em relação a consolidação do rádio no Brasil, Lúcia Lippi Oliveira diz: (...) Foi a legislação de 1931 e 1932 que consolidou e profissionalizou o rádio brasileiro. Através dos decretos nº 20.047 de 27/05/1931 e nº 21.111 de 01/03/1932 foi regulamentado o funcionamento das emissoras, que foram colocadas à disposição do Estado. Mas a grande novidade foi a permissão, sem necessidade de autorização prévia, para a transmissão de propaganda comercial. (...) A partir daí o rádio vai se tornando popular e sua programação também se altera, passando a transmitir música popular, informação de utilidade pública e humor. Diversas agências de publicidade também chegam ao Brasil na década de 1930... São elas que passam a usar o rádio como meio sistemático de venda de produtos. Anunciam sabonetes, tem programas associados a marcas e produzem *jingles*. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais de modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 2, 2012, pp.339-340.

⁹¹ Música *Prá você gostar de mim (Taí)*, autor Joubert de Carvalho e interprete Carmem Miranda (1930) e *Apesar de Você*, autor Chico Buarque e interprete Chico Buarque (1970), respectivamente.

Finalmente, como exemplo de reportagem marcante do período de 1900 a 1980 temos a que descreveu sobre o 1º contingente da FEC em Nápoles (1943):

“Estamos em Porto de Nápoles. Viemos aqui, nesta manhã, para receber uma nova Força Expedicionária que, justamente neste momento, está chegando para se juntar aos combatentes de tantas outras nações que se acham engajadas na frente italiana. É a Força Expedicionária Brasileira: a primeira força do Brasil e a primeira da América Latina que atravessa o mar.”

Vladimir Sacchetta, reforça que as escolhas dos fonogramas que fariam parte do LP *Documentos Sonoros* é uma prova da ousadia que a coleção buscava apresentar ao longo de toda a obra pois, na época de sua publicação, ano de 1980, ainda vivíamos a ditadura militar no país. Questionado se a *Nosso Século* sofreu alguma censura em relação ao seu conteúdo, Vladimir Sacchetta nos conta um episódio que a equipe vivenciou logo após o lançamento do primeiro capítulo:

“(...) certo dia, uma semana, dez dias depois, a Beth, Elizabeth De Fiore di Cropani, a diretora entrou na redação com uma pasta. Falou: Eu trouxe uma coisa para vocês verem. A gente olhou com cara de paisagem. Ela tinha nas mãos o fascículo 1, a carta do editor, os jornais que foram encartados nesse número 1. Tinha um pacote de lançamento todo anotado. Anotado por quem? Por um militar, militar do Segundo Exército que fez isso. Ele fez uma leitura bem interessante, porque o sujeito faz uma leitura das linhas, das entrelinhas, dos títulos e tira...conclusões. Conclusões de um milico no começo dos anos 80. É interessante que ele vai buscar, nos comentários que ele faz, exatamente o viés ideológico.(...) Ele quer, na verdade, decifrar onde é que está a luta de classe nessas entrelinhas. Ele faz isso com esse olhar de milico.”

Segundo Vladimir Sacchetta, a redação tomou um susto e achou que, a partir daquele momento, haveria censura sobre a *Nosso Século*. Em suas palavras: “A redação realmente tomou um susto porque a gente achava que estava na Califórnia. Entende? Paz, amor e liberdade de expressão. Não. **Ainda era ditadura.** (grifo meu)”.

Além de todos esses elementos que a *Nosso Século* trazia em seu conteúdo, Cronologias, Dados Estatísticos de diversos setores e um Anuário com informações sobre nomes de presidentes, ministros e governadores de cada Estado, era apresentado em cada volume da coleção.

Em relação as cronologias, Elizabeth De Fiore lembra que a coleção buscava apresentar, de forma sintética e anualmente, datas com eventos que aconteceram em cada período sejam políticos, econômicos ou sociais. Tendo em vista que a

estrutura da coleção tinha como marca a continuidade dos assuntos em outro volume, a cronologia dava noção dos acontecimentos mais importantes de cada ano com o intuito de complementar o que era abordado no “miolo” da coleção.

Segundo Vladimir Sacchetta, a cronologia e os dados estatísticos enriqueciam a coleção:

“(…) Eu acho que uma linha do tempo organiza muito a informação. Tem gente que passa por cima e não lê. Estatística é a mesma coisa. Acho que dados estatísticos tem um setor da população que se interessa, outro não... Era um enriquecimento...”

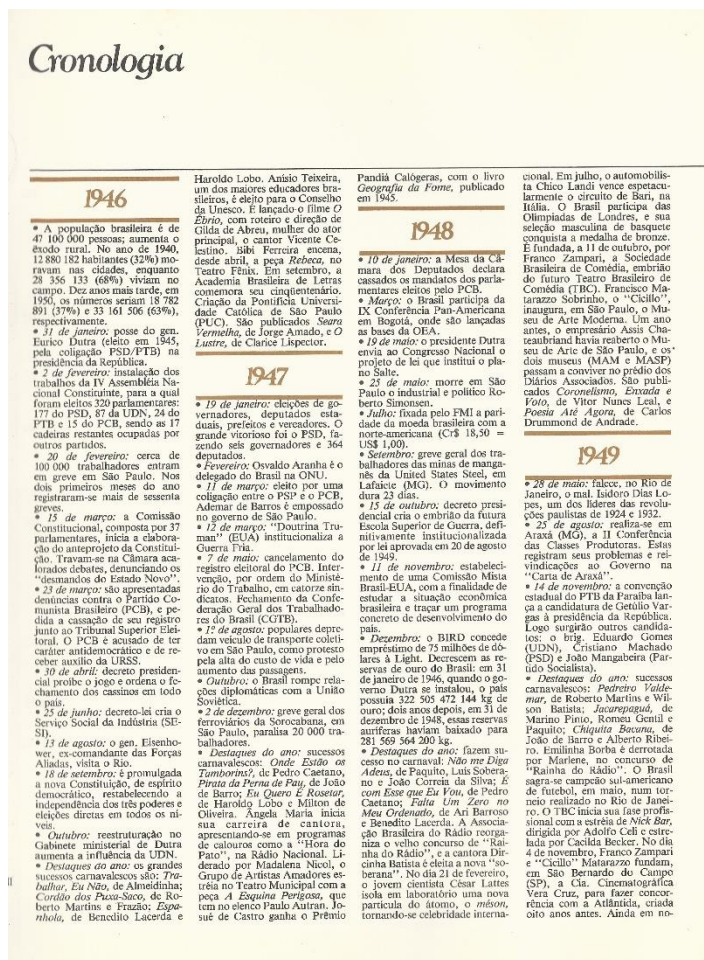


Figura 11 – Cronologia⁹²

⁹² Coleção *Nosso Século*. São Paulo: Abril Cultural, vol.1945/1960 - A Era dos Partidos, 1980, p. VIII.

Diante de tantos aspectos abordados e a riqueza de dados e informações que fazem parte da coleção *Nosso Século*, é possível considerá-la como uma obra que apresenta uma produção em relação a História do Brasil do século XX de grande riqueza. Segundo Vladimir Sacchetta, pode ser considerada um acervo documental para pesquisas historiográficas de diversas áreas:

“(...) O que eu encontro de gente em uma geração que veio muito mais tarde, que trabalha em produtora de cinema e que usa a *Nosso Século*... Eu duvido que o Projac da Globo não tenha uma coleção *Nosso Século*... mas deve ter com certeza porque isso acaba sendo um esforço, uma reunião de conteúdos de milhares, milhares e milhares...”

Em relação a esse aspecto, Elizabeth De Fiore concorda com Vladimir Sacchetta pois considera que a coleção traz imagens que não estão disponíveis em qualquer lugar:

“... você teria que andar em trocentos lugares para poder juntar isso tudo. Eu acho que alguém que se detivesse a ler e olhar essas coisas, às vezes só olhando a legenda. Ele vê a imagem, lê o título e depois lê a legenda. Só isso já dá uma informação. Aliás, isso foi uma coisa que eu sempre insisti muito. Tem que ter significado... Por que aquela coisa está ali? Não quero nada gratuito...”

Na minha opinião, as abordagens e a riqueza de detalhes, presentes ao longo de toda a coleção, contribuem para que a *Nosso Século*, até hoje, seja tão atraente e singular. Além disso, as premissas que definiram todo o processo de sua elaboração a aproximam de temas e dimensões atuais relacionadas ao campo da História Pública, que a monografia irá discutir a seguir.

4.2. Pensando com a História Pública

Com todos esses elementos que a *Nosso Século* traz em seu conteúdo e forma de apresentar a História do Brasil do século XX, podemos pensar a coleção como uma produção de história inserida no campo da História Pública. Segundo Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Rovai, a História Pública não seria apenas uma possibilidade de conservação e divulgação da história, mas uma construção de um conhecimento que envolveria múltiplas disciplinas com um esforço de colaboração cujo intuito seria de valorizar o passado democratizando a história para além do ambiente acadêmico.

Afirmam as autoras que: “ Talvez a principal diferença entre o que a história pública propõe e o que a academia produz seja a ampliação do espaço e do seu público, e aos usos do conhecimento.”⁹³

Prosseguindo em suas reflexões, as autoras salientam que:

“Como poderemos ver, o trabalho fora da Universidade pode se expandir por meio de arquivos, dos museus, da fotografia, do cinema, da história oral, sem, no entanto, perder em seriedade e compromissos com a produção de saberes”⁹⁴

Em relação aos dois aspectos abordados pelas autoras, a *Nosso Século* é um exemplo de trabalho desenvolvido fora do meio acadêmico com todos os compromissos de seriedade que a produção de conhecimento histórico requer e que está presente em sua proposta de contar a História do Brasil do século XX.

Nesse sentido podemos considerar mais uma marca de inovação que a coleção *Nosso Século* apresenta. Importante salientar e lembrar a excelência dos profissionais que estiveram à frente tanto do projeto, como do desenvolvimento e publicação da coleção, sendo muitos deles profissionais que são referência até hoje no ambiente acadêmico como também em várias outras áreas de atuação no mercado de trabalho no Brasil.

De forma categórica, as autoras ainda afirmam que:

“Fazer história pública significa atuar em favor da difusão de conhecimento histórico para amplas audiências. A noção de que a história não é aprendida apenas em sala de aula – mas de diversas formas e em muitos momentos – é o fundamento dessa prática.”⁹⁵

Nesse aspecto, a coleção *Nosso Século*, cujas vendas aconteciam através de fascículos em bancas de jornais, poderia se tornar um acervo para pesquisas acessível para a população de menor poder aquisitivo. Por tudo que ela trazia, cronologias, dados estatísticos, iconografia, audiografia e a amplitude na abordagem de inúmeros assuntos relacionados a aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, etc., Vladimir Sacchetta salienta que:

⁹³ ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011 pp.7-9.

⁹⁴ Idem, pp.8-9.

⁹⁵ Ibidem, quarta-capa.

“(...) dado o preço que ela tinha na banca dava acesso. Tinha gente que não lia livros, mas lia fascículos. Teve gente que não comprou um compendio de história, mas leu o *Nosso Século* e se informou. ... Eu acho que esse foi o grande papel da Abril Cultural, **essa difusão da cultura**, essa socialização da cultura, seja com os Pensadores, seja com o *Nosso Século*...” (grifo meu)

Ampliando os conceitos que envolvem a história pública e buscando refletir sobre a coleção *Nosso Século* como um referencial de produção de história nessa área, Ricardo Santhiago nos apresenta quatro dimensões que se relacionam com as experiências de história pública: história *para* o público; história *com* o público; história feita *pelo* público e *história e público*.⁹⁶

Ana Maria Mauad, nos explica essas quatro dimensões relacionadas por Ricardo Santhiago.⁹⁷ Em relação à primeira dimensão - história *para* o público – ela estaria relacionada a difusão de conhecimento histórico para além da esfera do ambiente acadêmico, ou seja, visa tornar-se um conteúdo acessível a outros públicos. Nessa dimensão, podemos considerar que a *Nosso Século*, estaria inserida como uma experiência de história pública, na medida que tem o caráter de uma produção com objetivos de “difusão cultural” de seus conteúdos. O editorial da coleção nos apresenta esse objetivo: “A Abril Cultural quis contribuir para o esforço de preservação e divulgação da memória nacional de forma única: recolhendo e publicando o maior acervo de documentos históricos brasileiros jamais reunidos por uma editora.”⁹⁸

Quanto a segunda dimensão - história *com* o público - haveria a participação do público no processo de construção do conhecimento histórico. Seria uma história colaborativa segundo Ana Maria Mauad, em que haveria o envolvimento de grupos ou comunidades na produção da história. Em relação a coleção, é possível pensar nos acervos iconográficos e de documentação que foram cedidos ou vendidos pelas famílias para constarem na coleção *Nosso Século*: “Graças à boa vontade e à

⁹⁶ SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. IN: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.28.

⁹⁷ MAUAD, Ana Maria. O passado em imagens. Artes visuais e história pública. IN: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, pp.90-91.

⁹⁸ Carta do Editor. **Coleção Nosso Século**. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bacharéis, 1980, p. V.

inestimável contribuição de numerosas famílias, museus, universidades, bibliotecas, arquivos de jornal, cremos ter atingido o nosso alvo: a história viva.”⁹⁹

A terceira modalidade de história pública - história feita *pelo* público – abrangeria iniciativas de construção de histórias, como diz Ana Maria Mauad, “amadoras”, elaboradas por centros de memória popular, associações, sindicatos, igrejas, entre outros. Sobre esse aspecto, considero necessária maior análise, pesquisa e reflexão para avaliar essa dimensão em relação a coleção *Nosso Século*.

Por último, a última dimensão - história e público - estaria relacionada não ao campo de ação e construção de saberes históricos mas ao campo de reflexão sobre questões como: comemorações; monumentos; demandas sociais; sítios históricos, usos de memória, usos do passado, entre outros.

Tendo como parâmetros os conceitos definidos pelos autores, a coleção *Nosso Século* pode ser considerada uma obra no âmbito da História Pública tendo em vista apresentar dimensões consideradas importantes na construção dos saberes históricos. Nas palavras de Vladimir Sacchetta podemos identificar premissas que caracterizam a *Nosso Século* como uma bela construção de conhecimento histórico e que permite associá-la a esse novo campo de saber:

“A gente não está ficcionando a História. Havia um rigor com as fontes. **A gente estava fazendo uma História acessível para o grande público, respeitando os fatos.** Não a verdade sobre os fatos, porque isso não existe, mas respeitando a História. Ninguém está inventando nada. Não está ficcionando, não está transformando (grifo meu).”

Ou ainda:

“O *Nosso Século* é outro assunto. É um produto da história cultural feito com muito esmero, carinho, competência, que não pretendeu contar uma estória. Não. **É essa a História.** Claro que a história com um olhar e um viés que se você vai nas entrelinhas, você percebe que não é uma história oficial. (grifo meu).”

⁹⁹ Carta do Editor. **Coleção Nosso Século**. São Paulo: Abril Cultural, vol. 1900/1910 - A Era dos Bachareis, 1980, p. V.

5. Conclusão

A coleção *Nosso Século* foi lançada pela Abril Cultural em 27 de maio de 1980, em forma de fascículos vendidos em bancas de jornal, cujo objetivo era retratar o Brasil do século XX. A presente monografia buscou analisar a *Nosso Século* com objetivo de identificar em seu conteúdo as marcas de singularidades e os elementos novos que ela apresenta para contar a História do país entre 1900 a 1980. Além disso, a forma definida como premissas de tais abordagens, que incluíam a iconografia, a audiografia, cronologias, dados estatísticos, créditos relativos às ilustrações entre outras, também determinaram essas marcas de pioneirismo.

Elizabeth De Fiore di Cropani e Vladimir Sacchetta, não só confirmaram a tese em relação as marcas de inovação da *Nosso Século* como propiciaram a experiência tão encantadora que é o campo da História Oral em função dos depoimentos concedidos que fazem parte do acervo desse trabalho.

Em relação ao modelo de negócio de venda de fascículos em bancas de jornal, vimos que a *Nosso Século*, assim como várias outras coleções, teve um imenso sucesso. A busca por uma educação de qualidade para os filhos, preços baixos dos fascículos e uma rede de distribuição via bancas de jornais que existiam pelo Brasil foram condições que facilitaram uma difusão da cultura pelo país.

Elizabeth De Fiore, foi a grande idealizadora da *Nosso Século*. Com o intuito de reconstituir a História do Brasil e contribuir para a preservação da memória nacional, a equipe da coleção pesquisou e recolheu milhares de documentos que estavam espalhados pelo país: fotos, gravações, manuscritos, livros, jornais e revistas, estatísticas econômicas, poesias, romances, pinturas, filmes e tapes de televisão.

A definição de objetivos e pautas pela Elizabeth Del Fiore foi de fundamental importância para a coleção *Nosso Século* apresentar elementos tão diferenciados para a época. Além disso, a participação de intelectuais de diversas áreas, com a função de consultores de pauta e de texto, assim como a presença do chefe de

pesquisa Vladimir Sacchetta, impuseram as marcas de inovação à coleção *Nosso Século*.

O objetivo definido logo de início para a coleção seria a de oferecer ao público uma obra de memória. Segundo Vladimir Sacchetta, seria uma “memória brasileira amplamente ilustrada”. O pioneirismo em relação ao conteúdo da coleção *Nosso Século* estaria vinculado a inteligência das pautas de Elizabeth De Fiore e da visão de história dos intelectuais que faziam parte do corpo de consultores de texto que trabalharam na coleção. Elementos e aspectos novos eram apresentados e discutidos para serem abordados na coleção sobre a História do Brasil.

A atividade de pesquisa foi algo de fundamental importância pois, segundo Vladimir Sacchetta, ela provocava uma retroalimentação para a pauta que seria abordada. Através de pesquisas em vários tipos de fontes e principalmente em revistas ilustradas, ele nos contou que, no folhear das revistas em busca de iconografia, encontravam várias histórias que acabavam alterando as pautas da *Nosso Século*. Segundo Vladimir Sacchetta, tendo encontrado matérias que fossem de interesse do público, a equipe buscava publicar os assuntos que muitas vezes geravam “ruídos” por apresentarem os temas de uma forma que não seguia a “história oficial”.

É importante notar a excelência dos profissionais que participaram da coleção *Nosso Século* como consultores. Na medida que trabalhavam dentro de suas áreas de conhecimento, sem dúvida, trouxeram qualidade aos conteúdos abordados, confirmando a excelência da coleção. Com uma equipe de diversas áreas de atuação, a coleção *Nosso Século* trouxe em seu conteúdo, novas formas de abordagem sobre temas que ganhavam espaço de interesse na História do Brasil, entre eles aspectos culturais e sociais do país.

Teatro, música, literatura, assuntos ligados à família e ao mundo das mulheres, operários, imigrantes, entre outros, são temas abordados pela coleção para contar a História do Brasil do século XX de forma diferenciada.

Como marca de amplitude de suas abordagens e da busca por aspectos relacionados não só às elites, mas também, aos acontecimentos do “andar de baixo”, tal como nomeou Vladimir Sacchetta, a coleção apresenta matérias sobre os Teatros Operários e as “veladas operárias” que se contrapunham aos saraus das elites.

Ironia, ousadia e casos interessantes eram contados pela *Nosso Século*, como forma de diálogo com o público mais diversificado com o intuito de despertar o gosto pela publicação.

O uso da iconografia, além de caricaturas, charges, desenhos e gravuras são marcas de inovação da *Nosso Século*. Como definição de Elizabeth De Fiore, todas as imagens deveriam apresentar explicações e textos enxutos. Em função da coleção ter como objetivo ser uma história visual do século XX, manter o diálogo entre os assuntos e o suporte iconográfico era de fundamental importância.

Além do uso de material iconográfico, a coleção apresenta outros elementos que reforçam as marcas de diferenciação dessa obra. Se o uso da iconografia buscava “cristalizar” e dar “consistência” aos textos da *Nosso Século*, o recurso da audiografia, o uso de sons, reforçava essa concretude. Uma coletânea com trechos de discursos, jingles, músicas, trechos de programas de rádio e propagandas foram gravados em um LP, *Documento Sonoros*, para que o leitor vivenciasse ainda mais cada período da nossa História.

Cronologias, Dados Estatísticos e um Anuário com nomes de presidentes, governadores de cada Estado, eram apresentados em cada volume da coleção para possibilidade de pesquisas por parte dos leitores.

Com tantos aspectos e abordagens que a *Nosso Século* apresenta, considero a obra como uma produção de grande riqueza em relação à História do Brasil. Nesse sentido, podemos pensar a coleção inserida no campo da História Pública, tendo em vista ser um exemplo de trabalho desenvolvido fora do meio acadêmico com todos os compromissos de seriedade que a produção de conhecimento histórico requer e que está presente em sua proposta de contar a História do Brasil do século XX.

Conforme abordado no capítulo 4, entendo que a *Nosso Século* dialoga com a História Pública e que pode ser considerada uma obra precursora desse campo historiográfico, mas, ainda assim, existem muitos pontos em aberto que são caminhos possíveis para continuidade da pesquisa que pretendo avançar no futuro.

Em relação aos intelectuais que participaram da *Nosso Século*, identificar sua produção acadêmica à época em que a coleção estava sendo lançada nos ajudará a ampliar um possível diálogo ou não entre a esfera acadêmica, a historiografia e a não acadêmica. Outro aspecto interessante de estudo, é discutir a reprodução ou recepção das imagens que fazem parte do acervo da *Nosso Século* nos livros didáticos.

A análise da relação texto x imagem, a forma de contar a História do Brasil, a riqueza dos conteúdos das entrevistas de Elizabeth De Fiore e Vladimir Sacchetta e a publicação da *Nosso Século* durante os anos da ditadura militar no Brasil são assuntos que pretendo problematizar com a sequência de minhas pesquisas.

6. Referências Bibliográficas

6.1. Bibliografia

ALMEIDA, Juliele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BENEVIDES, Maria Victoria. O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. IN: GOMES, Angela de Castro; FARO, Clovis de. **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV - CPDOC, 1991.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. Internacionalização da Mídia Brasileira: Análise do Grupo Abril. IN: Revista **ALAIC – Revista Latino-Americana de Ciências de La Comunicación**, Ano III, nº 5, julio-diciembre/2006.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Grupo Abril: ontem e Hoje – estratégias de internacionalização de um grupo atípico no Brasil**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 1 – Políticas de Comunicação, IV Encontro Nacional da União Latina de Economia, Política da Informação, da Comunicação e da Cultura – Ulepicc - Brasil. Rio de Janeiro - 09 a 11/10/2012.

FALCON, Francisco J.C. A Identidade do Historiador. IN: **Estudos Históricos**, v.9, nº17, jan-jun/1996, p.7-30.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol.2, 2012.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol.3, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.

_____. **Entre-vistas: abordagens e usos da história Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.

_____. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Questão Social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. IN: **Estudos Históricos**, n.34, jul-dez/2004, p.157-186.

HALLEWELL Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 2ª ed. Revisada e ampliada, 2005.

MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita: o dono da Banca - A vida e as ideias do editor da Veja e da Abril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2016.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História Pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

NOVAIS, Fernando; Schwarcz, Liliam Moritz. (Orgs.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 4, 3ª ed., 2004.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério F. da (Orgs.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira - Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Mateus H.F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). IN: Revista **Em Questão**, Porto Alegre, v.11, nº 2, jul-dez/2005, p. 239-258.

PEREIRA, Mateus H.F. Abril Cultural (1968-1982) e o desenvolvimento do mercado de fascículos, coleções e enciclopédias durante a Ditadura Militar. **Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa UFMG - UEMG**. Produção Editorial 04, Núcleo de Pesquisa 4 - Produção Editorial.

SILVA, Iara Augusta da. A conformação do Mercado Editorial Brasileiro a partir das últimas décadas do século XX e anos iniciais do século XXI: O caso do Grupo Abril. IN: Revista **HISTEDBR** On-line, Campinas, nº 60, dez/2014, p.78-94.

OLIVEIRA, Ione. História política e historiografia do Brasil República. IN: **Textos de História**, v.15, n.1/2, 2007, p.93-107.

6.2. Internet

BARROS, Sergio Miceli Pessoa de. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7114904634089152>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

CUNHA, Alexandre Eulálio Pimenta da. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~boaventura/page20a.htm>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

FAUSTO, Boris. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8970412198030695>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Disponível em:
<<http://lattes.cnpq.br/7024334598529339>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2649/sergio-buarque-de-holanda>>.
Acesso em: 15 de Junho de 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Disponível em:
<<http://lattes.cnpq.br/3155691035176497>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

PRADO, Décio de Almeida. Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3751/decio-de-almeida-prado>>.
Acesso em: 15 de Junho de 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

RAMOS, Ricardo. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Ramos>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

WEFFORT, Francisco Correa. Disponível em:
<<http://lattes.cnpq.br/8626062232301483>>. Acesso em: 15 de Junho de 2018.

6.3. Entrevistas

CROPANI, Elizabeth De Fiore di. Entrevista realizada em 10/04/2018, São Paulo, S.P.

SACCHETTA, Vladimir. Entrevista realizada em 11/04/2018, São Paulo, S.P.